

Folclore etc. & tal	Titulo
Campos, Eduardo - Prologuista; Souto Maior, Mario - Autor/a;	Autor(es)
	Lugar
20-20 Comunicação e Editora	Editorial/Editor
1995	Fecha
	Colección
Creencia; Pobreza; Clase popular; Cultura; Folklore;	Temas
Libro	Tipo de documento
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Brasil/dipes-fundaj/20121129040759/souto.pdf	URL
Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 2.0 Genérica http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Seguí buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO
<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)
Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)
www.clacso.edu.ar



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
Latin American Council of Social Sciences



Folclore etc e tal

Mario Souto Maior

Souto Maior, Mário,
1920- Folclore Etc. & Tal/Mário Souto Maior; prefácio de Eduardo Campos. -
Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

124p.
Inclui Bibliografia

1. FOLCLORE - BRASIL.
I. TÍTULO

CDU 398.(81)

C Mário Souto Maior
Avenida Getúlio Vargas, 963 - Bairro Novo
53030-010 Olinda - Pernambuco - Brasil
Telefone/Fax: (081) 429.1558

20-20 Comunicação e Editora
Rua Carlos Estêvão, 64 - Madalena
50720-050 Recife - Pernambuco - Brasil

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Capa e Projeto Gráfico: Jan Souto Maior
Revisão: Rômulo Freire
Desenho da capa: Bruna Fernandes Teixeira (6 anos)
Desenhos da 4ª capa: Luiz Vidal Neto (6 anos), Bruno Bezerra Bastos (6 anos),
Rubens Salzano (5 anos), Clarissa Dornelas de Oliveira (6 anos), Mônica Corrêa
de Oliveira Cerqueira (6 anos), Maria Camila Costa Souza Pereira (6 anos) e
Celine de Lima Hordonho (5 anos), alunos do Jardim II da Escola Expoente,
Parnamirim, Recife.

Foi feito o Depósito Legal

LIVROS DO AUTOR

Meus poemas diferentes. Prefácio de Francisco Julião. Recife: Geração Editora, 1938, 40p.

Roteiro de Bom Jardim. Prefácio de Antônio Vilaça. Recife, 1954. (Em colaboração com Moacyr Souto Maior), 81p.

Como nasce um cabra da peste. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969. 93p. (Coleção Brasil para todos, 5); 2.ed. Recife: Edições Grumete, 1984.

Antônio Silvino, capitão de trabuco. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1970. 150p. (Coleção Brasil para todos, 7).

Cachaça: história, humor, medicina, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil. Prefácio de Claribalte Passos. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970. 203p. (Coleção canavieira, 3); 2.ed. Brasília, Thesaurus, 1985. 118p.

O ciclo. Prefácio de Mauro Mota. Recife: Mousinho, 1970. 34p.

Em torno de uma possível etnografia do pão. Prefácio de Sylvio Rabello. Recife: Edição do Autor, 1971. 95p. Inclui bibliografia.

Dicionário folclórico da cachaça. Prefácio de José Américo de Almeida. Recife: s.ed, 1973. 144p.; 2.ed. e 3.ed. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1980 e 1985, respectivamente.

A morte na boca do povo. Prefácio de Waldemar Valente. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. 52p.

Nomes próprios pouco comuns. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3.ed. Recife, 1992, 111p.

Território da danação: o diabo na cultura popular do Nordeste. Prefácio de Hermilo Borba Filho. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. 102p. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras).

Nordeste: a inventiva popular. Prefácio de Manuel Diégues Júnior. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. 139p. Inclui bibliografia. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976).

Dicionário do palavrão e termos afins. Apresentação de Eliézer Rosa. Prefácio de Gilberto Freyre. Recife: Ed. Guararapes, 1980. 154p. 2.ed. e 3ed. Recife: Ed. Guararapes, 1980; 4ed., 5ed. e 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1988/1992, 173p.

Folclorerotismo. Recife: Edições Pirata, 1980. 42p. il.; 2.ed. Recife: Edições Pirata, 1981, 50p.

Galalaus & batorés. Recife: UFPe. Ed. Universitária, 1981. 73p.

Painel folclórico do Nordeste. Prefácio de Luís Luna. Recife: UFPe. Ed. Universitária, 1981. 143p.

Comes e bebes do Nordeste. Introdução de Sebastião Vila Nova. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1984. 143p. (Obras de consulta, 4). Inclui bibliografia e índice; 2ed. e 3ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1984 e 1985, respectivamente; 4.ed. Recife: Bagaço, 1995, 193p.

Mulheres e ruas. Recife: Grumete Edições, 1984, 24p.

Sete estórias sem rei. Prefácio de José César Borba. Recife: Grumete Edições, 1984, 80p.

Folclore quase sempre. Prefácio de Fernando de Mello Freyre. Recife: Grumete Edições, 1986. 128p.

Remédios populares do Nordeste. Prefácio de Roberto Mota. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986. 130p. (Obras de consulta, 7).

Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade. Recife: Grumete Edições, 1987. 50p.

Alimentação & folclore. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988. (Prêmios Silvio Romero 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar, 1989), 196p.

Antologia pernambucana de folclore. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1988, 345p. (Em colaboração com Waldemar Valente).

Antologia da poesia popular de Pernambuco. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991, 246p. (Em colaboração com Waldemar Valente.)

Antologia do carnaval do Recife. Recife: FUNDAJ, Ed.

Massangana, 1991. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 406p.

A língua na boca do povo. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1992, 91p. (Obras de consulta, 13). Inclui bibliografia e índice.

Sogras: prós & contras e outras conversas. Recife: Edição do autor, 1992. 112p. Inclui bibliografia.

O puxa-saco: aqui, ali & acolá. Recife: Edição do autor, 1993. 146p. Inclui bibliografia.

O Recife: quatro séculos de sua paisagem. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1992. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 298p.

A paisagem pernambucana. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1993. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 279p.

Três estórias de Deus quando fez o mundo. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1993; 2ed. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.

Riqueza, alimentação e folclore do coco. Apresentação de Felix Coluccio. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 100p. Inclui bibliografia e índice.

Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa. Prefácio de Dino Preti. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 128p. Inclui bibliografia e índice.

A mulher e o homem na sabedoria popular. Prefácio de Armando Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 99p. Inclui bibliografia e índice.

A mulher que enganou o diabo. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.

As dobras do tempo: quase memórias. Apresentação de Jan Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 226p.

O homem e o tempo. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

Brasil x Portugal: aquele abraço. Prefácio de Fernando Gonçalves. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 100p.

A moça que casou com uma cobra. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

Folclore etc & tal. Prefácio de Eduardo Campos. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 124p

A SAIR:

BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE

ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com Waldemar Valente) 2º v.

O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)

PEDRINHO E OS SEUS MIL CARNEIROS (infantil)

OS MISTÉRIOS DO FAZ MAL: TABUS ALIMENTARES

Dedico este livro a HELENO BENEDITO VIEIRA TORRES (advogado, professor da Faculdade de Direito de Caruaru, PE., já falecido), JOÃO GUALBERTO VELOZO (tabelião, advogado em Caruaru, PE., já falecido), JOSÉ FRANKLIN CASADO DE LIMA (professor da Faculdade de Ciências Econômicas de Alagoas), PAULO ARAGÃO (desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas, aposentado) e RAUL DE CARVALHO LEITE (procurador do Tribunal de Contas de Alagoas), companheiros da pequena turma de bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais que colocou grau no dia 8 de dezembro de 1945, na Faculdade de Direito de Alagoas, há cinquenta anos passados. Aos que estão na Eternidade, a minha saudade.

SUMÁRIO

Palavras de Prefação: Eduardo Campos,	15
Breves notas e depoimento sobre o vestuário nordestino,	19
Rótulos de cachaça,	29
O pobre na filosofia popular,	35
Algumas considerações em torno do folclore,	41
A infidelidade conjugal e o folclore,	49
Cantar é preciso,	55
A mobilidade cearense,	61
Curiosos remédios populares do Nordeste,	65
O telefone e a vida social,	75
Rir, também é preciso,	81
Meninos de rua, meninos de casa,	87
Educação ontem e hoje,	91
Outros nomes pouco comuns,	97
A gíria do radioamadorismo,	113

PALAVRAS DE PREFEÇÃO

Vale lembrar Fernando Pessoa no vestíbulo desta apresentação:

"Eu amo tudo o que foi,
Tudo o que já não é..."

Epígrafe que se ajusta aos sentimentos do homem impregnado de vivência (entenda-se também por humanismo) que em Mário Souto Maior, de modo irretocável, caminha a resgatar o fascinante mundo do quotidiano em que se assenta ainda - graças a Deus - é o mundo dos humildes! - o inexaurível repositório do conhecimento popular e suas tradições.

Em seu percurso de estudioso da nossa sociologia urbana e da inteligência do folclore, Mário Souto Maior sempre indo à frente, sempre, a nos contar cada vez mais, na verdade está voltando, repensando o que passou e nutriu a vida de cada um de nós, circunstância que nos remete a todos a esta fala do Auto da Alma, de Gil Vicente:

"Quanto caminhais avante,
Tanto vos tornais atrás..."

Neste livro, com erudição disciplinada, o autor discorre sobre o vestuário nordestino; lembra os curiosos rótulos de garrafas de aguardente; detém-se em explicar, através da linguagem do pensador anônimo, como o pobre é visto pela sábia filosofia do dia-a-dia; e mais com proficiência e economia vocabular, reinterpreta o folclore, a nos alertar para o fato de que "enquanto existir o homem, enquanto houver povo, o folclore jamais deixará de ser o espírito, a tradição, o passado, o alicerce de um povo na sua Eternidade."

E como se não bastasse remete o leitor ao desfrute de curiosos remédios, a tradicionais mezinhas do Nordeste; e às ligações (descartados o intuito de trocadilho) do telefone com a vida social, tudo isso sem artifícios e entretecido com uma linguagem de muita propriedade vocabular e correção investigativa.

W. Somerset Maugham anotou esta observação em seu livro de confissões:

"... O autor não escreve somente quando está sentado à mesa de trabalho, escreve todo o dia, enquanto está pensando, enquanto está vivendo..."

Tais palavras ajustam-se em todo o seu sentido - por mais amplo que seja - ao desempenho intelectual de Mário Souto Maior, pesquisador ágil e disponível em todas as horas de sua vida, para desempenho de seu ideário cultural e científico.

Mário Souto Maior, com invejável e aplaudida coleção de obras publicadas, escreve como quer Somerset Maugham: por estar vivendo. Adite-se: a serviço das mais legítimas tradições de nosso povo.

Eduardo Campos

BREVES NOTAS E DEPOIMENTO SOBRE O VESTUÁRIO NORDESTINO

*Talvez o assunto mais antigo do mundo seja o da moda feminina. Ele nasceu no momento exato em que Eva se valeu da folha de parreira para tapar a sua nudez. Porque, logo no dia seguinte, a linda mulher andou por baixo das videiras, atentamente, à procura de outra folha mais viçosa, mais bem recortada, mais elegante, enfim. E, ao mostrar-se com essa nova vestimenta, embora resumida, aos olhos de Adão, este emitiu o seu juízo, manifestou o seu bom gosto. Estava, portanto, traçado o primeiro figurino. Desde então nunca mais a mulher deixou de se preocupar com o traje. Sette, Mário. *Anquinhas & Bernardas*. Recife, Fundarpe, 1987.*

Os intelectuais e artistas de tudo quanto é país do mundo, romancistas, poetas, ensaístas, filósofos, compositores, escultores, pintores, teatrólogos - tanto no apogeu da glória como até mesmo tentando galgar os primeiros degraus da fama - sempre sonharam e continuam sonhando viver em Paris, caminhar pelas calçadas seculares de suas ruas misteriosamente românticas, freqüentar seus cafés, degustar a alma dos vinhos mais famosos, arrancar do peito e alimentar paixões por suas lindas mulheres, participar de reuniões para discutir as idéias mais esdrúxulas e as filosofias mais vãs, fazer das águas do Sena o cofre de suas esperanças e o espelho de suas confidências.

O **boulevard** de Saint Germain, a Place Pigalle, o jardim de Louxembourg, os telhados de Paris sempre exerceram, através de sua arquitetura secular e do mistério que continua morando em suas casas, uma influência muito marcante em todos os que vivem em suas águas-furtadas, em seus sótãos, em suas pensões, de mãos dadas com fantasmas milenares.

E sendo a França a terra das mais bonitas e perfumadas rosas, Paris passou também a ser a pátria dos perfumes inebriantes, preferidos pelas mulheres do mundo inteiro.

Terra de belas mulheres e de luxuriantes perfumes, Paris também passou a se identificar como o centro universal da moda. Continua sendo o sonho dourado de muitas mulheres, vestir um modelo de Pierre Cardin, de Chanel ou de Yves Saint Laurent. Mas, somente as mulheres ricas poderão ter essa vontade, alimentar esse sonho - dirão alguns. Acontece que muitas costureiras da classe média

conseguem copiar tais modelos quando mostrados em desfiles ou em revistas de moda.

De Paris, a moda se irradiou, a princípio, por toda a Europa. E Portugal, como colonizador brasileiro, cuidou de, desde os primeiros anos do descobrimento, trazer para o Novo Mundo, na roupa usada pelas esposas dos fidalgos lusitanos aqui chegados, a maneira de vestir, espécie de **dernier cri** das usanças oriundas da capital francesa.

Acontece, entretanto, que o clima europeu em nada se assemelha ao clima tropical do Nordeste brasileiro, região em que a temperatura chega a ultrapassar, muitas vezes, a casa dos quarenta graus e o calendário troca o inverno, a primavera, o outono e o verão por um inverno curto e irregular e um verão longo e causticante.

Acresce, ainda, que, além do clima tropical próprio da região, as esposas e filhas dos colonizadores trouxeram, em seus baús de couro, uma indumentária muito pesada, composta de peças sobrepostas e de tecidos impróprios para a região como o veludo, a seda, o damasco, o cetim, e de cores também impróprias para serem usadas em terra de sol bem quente.

Assim, a indumentária feminina foi usada durante muitos e muitos anos, por ser a última moda francesa, dos **califons** rendados às anáguas, das saias rodadas aos espartilhos, tudo enfeitado com muitos laços e muitas fitas de todas as cores.

A verdade é que a mulher e a filha do colonizador, fidalgo ou não, viviam escondidas dentro de tanta roupa, só ficando de fora o rosto e as mãos. Será, pergunto eu, que o fato de as mulheres brancas se esconderem tanto dentro de seus vestidos foi a causa da preferência que o português sempre teve pela mulata e pela negra, sempre com os seios querendo pular dos decotes generosos, mostrando seus encantos?

O doutor Felipe Neri Collaço, no seu *O Conselheiro da Família Brasileira* - encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica - Habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos úteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrases viciosas, receitas culinárias, etc., obra publicada por B. L. Garnier - Livreiro Editor, Rio de Janeiro, 1883, ensina que *“A cor dos tecidos exerce também uma influencia real, e a experiencia tem mostrado que a cor preta e as outras escuras deixão-se mais facilmente atravessar pelo calor do que as cores claras, principalmente a branca. O branco reflete o calor como a luz; ele o repelle, isto é, não o deixa passar; o preto, pelo contrario, absorve o calor, isto é, deixa-o passar. Um vestido branco é pois como um parafogo que garante do calor exterior no Verão e impede o desperdicio do calor do corpo no inverno. Os panos de cor escura, ao contrario, absorvem mais facilmente o calor e deixão-se atravessar por ele.”*

Desde 1933, quando foi publicada a primeira edição de *Casa- Grande & Senzala*, pela Maia & Schmidt Ltda., do Rio de Janeiro, o antropólogo e escritor Gilberto Freyre já chamava a atenção para o assunto, estudando-o à luz da antropologia e da sociologia: *“A falta de adaptação do traje brasileiro ao clima prolongou-se, porém, ao século XIX. Acentuou-se mesmo. Homens, mulheres e até meninos continuaram a vestir-se para a missa, para as visitas e para ir ao colégio como se um eterno luto de mães os obrigasse ao preto felpudo,*

espinhento e solene. A rodar em **vitórias** e cabriolés de almofadas quentes como as dos palanquins. Os homens, de cartola desde sete horas da manhã. Até os princípios do século XX os estudantes de Direito em São Paulo e em Olinda, os de Medicina no Rio e na Bahia, os médicos, os advogados, os professores, só achavam jeito de andar de cartola e sobrecasaca preta. Um ou outro chapéu-do-chile mais afoito branquejou no meio desse preto ortodoxo de cartolas. A transigência dos doutores e dos fidalgos com o clima tropical foi se fazendo de baixo para cima: pelas calças brancas. Desde meados do século XIX que começaram a usá-la na Bahia e no Recife os armazenários de açúcar ou de café, os altos funcionários públicos, os médicos, advogados, professores.”

Referindo-se à predominância da cor preta na indumentária das mulheres do Recife, Wanderley Pinho no seu *Salões e Damas de Segundo Reinado*, obra publicada pela Livraria Martins Editora, São Paulo, 1946, cita o depoimento de Maria Graham, quando por aqui esteve, conforme seu *Journal of a Voyage from Brazil and Residence There During Part of The Years 1821-1822-1823*: “Maria Graham só pode ver as damas do Recife numa festa religiosa em que estavam quase todas vestidas de preto com sapatos brancos e fitas brancas ou de cores, e flores nos cabelos, um manto de renda ou gaze preta ou branca.”

Ninguém mais do que Mário Sette conseguiu retratar os costumes reinantes na cidade do Recife durante os dois últimos séculos. Em seu *Anquinhas e Bernardas*, Recife, Fundarpe, 1987, o cronista, no que se refere à moda reinante no passado, comenta: “As costureiras francesas, que dominaram as modas femininas no Brasil do século XIX, traziam para as mulheres daquele tempo tudo quanto aparecia de novo em Paris. As **saías-balão**, os corpetes bem ligados aos bustos, as **mangas de presunto** e as anquinhas tiveram a sua época e não houve dama, ciosa de acompanhar as regras da elegância, que não os usasse. As anquinhas, por exemplo, surgiram durante a guerra do Paraguai, afirmam as crônicas. Por volta de 1869. Era o artifício inventado para as magrelas aparentarem redondezas não possuídas? Ou, na opinião dos moralistas, serviam a esconder curvas provocadoras? Tapeação ou recato? O que é fato é terem todas as moças usado as suas anquinhas, embora ficassem, no dizer satírico de um crítico: com forma de tanajura.” Era o gosto e a moda da cintura fina, a **cintura de-pilão**, decantada num dos baiões do repertório de Luís Gonzaga.

Ainda sobre a moda daquela época, Mário Sette registra: “O que nos imperativos a moda reclama, é julgado razoável e bonito. Pouco importam os contrastes. Hoje, a **manga-de-presunto** bem estufada; amanhã, a **manga-linguiça**, espremida no braço. Ontem, a **saia-balão**, encobrendo pundonorosamente todas as formas; agora, a saia levíssima e transparente oferecendo os mínimos segredos das curvas. Cabelos de cachos, cabelos a homem. Chapéus **viveiros** ou **hortas**, antigamente; boinas simplíssimas outro dia, rodilhas no cocoruto, na atualidade. Umas modas se vão e não voltam; outras se repetem, como agora nos **babados**, nos **tufos**, nos **folhos**.”

E os chales de toquim? “Muito em voga estiveram os chales de toquim. Eram um luxo de grande estima feminina, uma ambição de muita cabecinha moça. Uns versinhos do tempo traduziam essa cobiça:

Meu papai eu quero seda,

Quero um chale de toquim.
Quero um anel de brilhantes
Quero um leque de marfim.

O toquim era um tecido de subido valor. Um chale trabalhado nessa fazenda de pura seda constituía, na época, adorno de dar na vista. As damas que apareciam nas festas ou nas igrejas com os ombros ou as cabeças protegidos por um lindo chale desses, impavam de vaidade e faziam inveja nos círculos femininos” - explica Mário Sette.

Comentando a influência da moda francesa no Brasil, Gilberto Freyre, no seu *Modos de Homem & Modas de Mulher*, Rio de Janeiro, Record, 1986, afirma que *“As modas de mulher parisiense constituíram-se numa das maiores expressões de conquista psicocultural do Brasil pela França, na já denominada fase de reeuropeização do Brasil. Essa conquista psicocultural estendendo-se do setor de vestidos e de tecidos para o de adorno, o de perfumes e, posteriormente, o de doces ou bombons. Estendendo-se ao setor do paladar, inclusive através de vinhos e licores. Neste texto, o que interessa assinalar é a penetração no Brasil do século XIX - o primeiro século de vida e de cultura nacionalmente brasileiras - pelas modas de mulher vindas da França e de homem, vindas da Grã-Bretanha. Foi uma penetração grandemente reorientadora de gostos brasileiros no setor do traje, a começar por uma reorientação em preferência de cor que se refletiram num Brasil recém-saído da condição colonial.”*

Menciona o autor de *Casa-Grande & Senzala* que, segundo anúncio publicado na **Revista Ilustrada**, do Rio de Janeiro, de 27 de maio de 1876, conforme Frederic Mauro no seu *La Vie Quotidienne au Brésil au Temps de Pedro II* (1831-1889), publicado em Paris, em 1980: *“Certa Mademoiselle Arthemise, costureira parisiense, fabricando no Rio da década de 70 de Pedro II, des seins adhésifs à l’usage de personnes fines et maigres. A ces artifices utiles en caoutchouc on donne le couleur désirée imitant parfaitement la peau blanche, rosée, brune ou noire...”*, dando, assim, os primeiros passos na indústria de seios feitos com silicone, ultimamente reprovado pela medicina americana que lhe deu uma conotação cancerígena.

A moda masculina sempre foi menos complicada e até mesmo mais estável do que a das mulheres, sempre mais vaidosas e preocupadas em mostrar sua beleza, em ficar cada vez mais bonitas e vestir melhor do que as amigas. Mas o que faz com que a moda dos dois últimos séculos tanto do homem como da mulher se assemelhem é o fato de ambas pecarem, em virtude da procedência européia, pelas cores preta ou escuras, tão impróprias para os trópicos e pela espessura dos tecidos usados na confecção das indumentárias e também pela quantidade de peças usadas tanto pela mulher como pelo homem.

A mulher usava um monte de peças hoje diminuídas pela modernidade, em consequência das condições climáticas e até mesmo econômicas: **califon**, combinação, espartilho, calçola até o joelho, anágua, saia rodada, chale, tudo com muita renda, babados e fitas a valer. O homem com seu ceroulão de amarrar no tornozelo, camisa com muita goma, colarinho duro quase que espetando a garganta, o fraque ou a casaca, roupa feita de fazenda pesada e grossa como a casemira, além da barba cobrindo quase todo o rosto, os cabelos crescidos e

cartola, trajes que, em nossa região, são um verdadeiro forno de assar homens e mulheres naquela época...

Eu mesmo, quando adolescente, em 1938, sou testemunha da impropriedade das roupas usadas naquele tempo, quando era hábito da estudiantada participar em peso do footing da rua Nova, no Recife, nas tardes dos sábados. E sempre lá estávamos todos nós, calçando sapatos de verniz pretos da Scatamacchia, roupa de casemira marron e glostora nos cabelos para que nenhum deles saísse de seus lugares por conta de uma aragem que, algumas vezes, dava o ar de sua graça. Às quatro da tarde, ninguém se aguentava mais. A casemira botava para esquentar ainda mais, os sapatos de verniz pareciam morder os pés, a glostora, com o calor, escorria cabeça abaixo. E tudo - graças a Deus - só terminava quando regressávamos à pensão num primeiro andar da rua Barão de São Borja, tomávamos um bom banho e vestíamos uma roupa fresca.

Mas, na década de 40, a situação não permanecia a mesma, no que se refere à moda masculina. Não sei se devido às conseqüências da II Grande Guerra, que impossibilitou e até mesmo paralisou o comércio entre as nações, houve uma transformação nos hábitos do vestuário entre nós. Principalmente depois que foi instalada, na rua Duque de Caxias, do Recife, uma filial das confecções Renner, do Rio Grande do Sul. Foi quando a classe média do Recife e de outras capitais nordestinas passou a vestir ternos de linho. A intervenção das confecções Renner na maneira de vestir dos nordestinos bem que merecia um estudo especial, à parte.

Já os tecidos usados pelo povo eram diferentes, é claro. E tinham outros nomes. Os homens usavam calças de mescla, de brim caqui, de pólvora-com-farinha, com camisas de tricoline barata. Alguns - os mais pobres - costumavam fazer suas camisas com sacos de farinha de trigo, de tecido ventilado, bom para o trabalho braçal. Era comum andarem com as camisas por fora das calças. Era assim que os trabalhadores do campo, os cortadores-de-cana trabalhavam nos canaviais das usinas. Com os tempos, a camisa de tricoline barata ou feita com sacos de farinha de trigo foi substituída pelas camisas feitas com malhas, também impróprias para o nosso clima. As mulheres, por sua vez, dispunham de maior número de tecidos para confeccionar suas roupas: chita, brim **berg**, **rayon**, tafetá, alpaca, morim, filó, bramante, popelina, cambraia, tule, algodãozinho, gorgurão, brim sol-a-sol, **chiffon**, organdi, cetim **laqué**, cetim **dunchese**, fustão, **siré**, **bouclé**, **jersey**, **helanca**, alguns dos quais talvez possam ser ainda encontrados.

E como é que se vestem as mulheres e os homens do Nordeste, hoje? O Nordeste de hoje, como acontece com a maioria das regiões brasileiras e países do mundo, é um Nordeste sem fronteiras. As micro-regiões municipais, estaduais e até regionais não mais existem. Com os novos meios de transporte, os nordestinos, verdadeiros donquixotes cavalcando seus fogosos paus-de-arara, acoçados pelas estiagens prolongadas, migram para outras regiões do país. Foram construir a Transamazônica, erguer os arranha-céus do Rio e São Paulo, plantar e colher café no Paraná, trabalhar na pecuária de Mato Grosso. Saíram à procura de trabalho, movidos, também, por essa mobilidade herdada dos portugueses, levando, na sua bagagem, roupas, palavras, costumes, crendices, modas, folclore, enfim. Para mais ainda completar a destruição dessas fronteiras,

a televisão massificou, a seu modo e à sua maneira sulista, a linguagem, impôs a sua moda, os seus costumes, o seu carnaval, a sua música.

Assim acontecendo, dentro de algum tempo seremos um povo cada vez mais igual, sem regionalismos de qualquer natureza. E as mulheres e os homens do Nordeste, principalmente das grandes cidades, se vestem, da mesma maneira como se vestem as mulheres e os homens das grandes cidades do Norte, do Centro e do Sul brasileiros. Só que continuam agredindo a natureza e o próprio corpo, usando tropical, **nylon** e outros tecidos compactos, sem poros, que não deixam o corpo respirar, filhos da tecnologia petrolífera.

É conveniente salientar que aqui no Nordeste não temos um traje, uma moda, uma maneira de vestir própria como o gaúcho com suas bombachas, seus ponchos, com suas botas, suas guaiacas, traje comum a todos os que vivem no campo. No Nordeste, temos o vaqueiro, com seu chapéu, com seu gibão, com seu guarda-peito, com suas luvas, com suas perneiras, com seus sapatos, tudo feito de couro, que é para aguentar os espinhos das caatingas onde entram em perseguição aos bois **brabos**, mas o traje do vaqueiro não é comum a tanta gente como acontece com o dos gaúchos. Somente os vaqueiros, os que trabalham com o gado, se vestem como vaqueiros.

RÓTULOS DE CACHAÇA (*)

Das cinco regiões brasileiras - o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul - o Nordeste é a mais homogênea. E é a mais homogênea de todas porque sua população contou, em sua miscigenação, com o **Indígena** - mais voltado para o imaginário, com suas lendas e mitos; com o **Português** colonizador que trouxe também, em sua bagagem, a sua crença religiosa, os seus folguedos, a sua língua, as suas cantigas de ninar, a sua saudade do Portugal distante, o seu folclore, enfim; o **Africano**, feito prisioneiro pelos caçadores de escravos e embarcado nas caravelas como carga para ser vendido como uma mercadoria qualquer a quem o trabalho de seus braços fosse necessário, quando, na maioria das vezes, salvo raras exceções, era maltratado sem dó nem piedade.

A cana-de-açúcar, plantada no Nordeste pelo escravo africano, irrigada com suas lágrimas, adubada com seu sangue, colhida e industrializada com seu suor, sempre foi o ponto mais alto da nossa economia. Transformou-se, como num passe de mágica e como costuma acontecer nos contos de fadas, em mel de engenho, açúcar, álcool, cachaça e rapadura, produtos indispensáveis à vida do homem nordestino. Criou até mesmo uma aristocracia, a aristocracia dos senhores de engenho, com suas **iaiás** e **sinhas**, com sua culinária própria, gostosamente açucarada.

A **água que passarinho não bebe**, fabricada pelos engenhos bangüês, passou a ser bebida regional do povo, a princípio, para depois ser consumida por todas as classes sociais.

Surgiram, então, mais de vinte mil marcas de cachaça, não somente no Nordeste, como também em Minas Gerais, no Estado do Rio e, notadamente, em São Paulo, quando os paulistas quase que substituíram o plantio do café pelo da cana-de-açúcar.

No Nordeste, as usinas aumentaram a superfície de seus canaviais, comprando a maioria dos engenhos bangüês que fabricavam o açúcar mascavo, a cachaça e demais produtos derivados. Mas a cachaça ganhou, no Sul, outros fabricantes, outras marcas, deixando de ser bebida regional nordestina para se tornar nacional.

As marcas de cachaça se multiplicaram tantas vezes que Henrique Foréis Domingues - o Almirante, como era mais conhecido nos meios radiofônicos - chegou a colecionar 4300 rótulos de cachaça, uma valiosa coleção que hoje faz parte do acervo da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife. E desta coleção são os rótulos de cachaça desta mostra, que atravessou o Atlântico para ser exibida em várias cidades portuguesas, numa participação CumpliCIDADES, uma maneira folclórica que os governos do Brasil e de Portugal encontraram para estreitar ainda mais os laços de amizade que sempre uniram, ontem, hoje e amanhã, os nossos povos.

Significativa variedade dos rótulos participantes desta exposição, nos seus mais variados temas, formatos e cores, litograficamente impressos, foi separada em grupos, de conformidade com a temática de cada um deles.

Assim, no grupo de animais, reunindo as mais diferentes espécies da nossa abundante fauna, temos o **pitu** (a lagosta de água doce), a **capivara**, o passarinho

curió, o **preá**, a **preguiça** (o mais lento dos animais, na sua locomoção), a **cobra coral** perigosíssima, o **calango** - que é um jacaré de brincadeira, o **touro** que toma parte nas vaquejadas, o **tatu**, o **bode**, o **gavião**, que tem nas galinhas o seu prato predileto, o **papagaio** falador que é motivo de muitas anedotas, a **galinha**, o **muçum**, que é uma cobra de água doce muito saborosa, o **jacaré**, o **gambá**, o **socó** e a **borboleta**, alguns dos quais fazem parte do jogo do bicho.

Nos mitos, vamos encontrar o capeta e o diabo - muito temidos mas muito presentes na linguagem popular, o **dragão** das estórias de Trancoso, o **Sansão**, da Bíblia, a **sereia** também dos mares mornos do Nordeste, a **iara** de cabelos longos, a deusa **Vênus**, o santo **São Jorge** montado no seu cavalo para combater o dragão, o **Sacy**, negrinho de uma perna só no mundo do faz de conta.

As mulheres, que são a paixão e o motivo principal dos grandes bebedores da cachaça, na cura de suas dores-de-cotovelo, são bem representadas pelas marcas **Volúpia**, **Sedutora**, **Xamego**, **Chica Boa**, **Tentação**, **Escandalosa**, **Gostosona**, **Tarada** e **Baiana Boa**, algumas das quais são também títulos na música popular brasileira.

O grupo tendo a Etnia como temática, engloba as marcas **Lusitaninha**, a **Tequila** que lembra o México, a **Tupy** como homenagem ao nosso indígena, a **Creoula**, a **Cigana**, a **Tio Sam** americana, a **Olé** lembrando a Espanha e os seus toureiros.

Temos, em seguida, os rótulos agrupados como **Indígenas**, compostos por **Aimoré**, **Tapuia**, **Tupy**, **Guarany**, **Juçara**, **Muricy**, **Caypó**, **Carajá**, **Potiguar**, tribos e nomes indígenas brasileiros.

Chega, então, a vez da **cachaça na boca do povo** ou seja o agrupamento dos rótulos de cachaça na linguagem popular, como o **Comigo Ninguém Pode**, **Vê Se Te Agrada**, **Nem Que Morra**, **Eu Quero Sassaricá**, **Pingo De Ouro**, **Água Viva**, **Alegria De Pobre**, **Tem Nego Bebo Aí?**, **Qué Matá Papai**, **Oião?**

E as **frutas?** Temos a **Cajuína** que é uma cachaça com sabor de caju ou, também, um vinho de caju, a **Genipapo**, a **Abacaxi**, a **Cajarana**, a **Jurubeba** - que é uma frutinha com a qual se faz cachaça, vinho e remédio popular, a **Mangabinha**, a **Laranginha**, a **Côco** e a **Coquinho**.

No rol das **Danças**, vamos encontrar as cachaças **Baião** - ritmo das festas de São João e que imortalizou Luiz Gonzaga, seu rei; **Xaxado** - a dança dos cangaceiros de Lampião, a onomatopéia do atrito das alpercatas com o chão de terra dos forrós nordestinos, **Rei do Samba**, a **Lambada** - um ritmo do Caribe que se aclimatou na Bahia, **Pagode** e **Batuque no Morro**, que retratam o samba carioca, **Serenata Nortista**, **Capoeira** e **Maracatu**, folguedos nordestinos influenciados pelo escravo africano no Nordeste.

Esta exposição que foi batizada com o nome de **UMA PRÓ SANTO** (quando os apreciadores da cachaça se reúnem num bar para saboreá-la, entre amigos, nos fins de semana ou quando há qualquer motivo de comemoração, costumam derramar um pouco do precioso líquido no chão, que é a dose do santo da devoção de cada um), com a riqueza de seu colorido e a diversidade de seus rótulos, mostra, aos irmãos portugueses, uma das três paixões do povo brasileiro, que são o gole de cachaça, o jogo do bicho e o futebol.

(*) **Folder** da exposição de rótulos de cachaça UMA PRÓ SANTO, que percorreu várias cidades portuguesas, uma participação da Fundação Joaquim Nabuco no projeto CumpliCIDADES, em 1994.

O POBRE NA FILOSOFIA POPULAR

A sabedoria popular também pode ser considerada como uma filosofia do povo que, sem nunca haver alisado os bancos das universidades e sem tomar conhecimento das idéias dos grandes pensadores, tem suas idéias próprias e estabelece seus conceitos através dos provérbios, dos ditos e das lendas de caminhões.

Assim acontece com relação ao negro, à mulher, à sogra, aos **baixinhos** e ao pobre, alvos preferidos por essa sabedoria, por essa filosofia paralela que salta aos nossos olhos com um sabor pitoresco, com uma graça que nos faz pensar e nos deixa admirados por conta desse dom que o povo tem de mostrar o quanto é sábio ao emitir seus conceitos.

O pobre - com a inflação galopante que comanda a nossa economia, considerada como das mais desenvolvidas do mundo contemporâneo - está vivendo os dias mais negros de sua vida, **dando nó em pingo d'água, subindo em bananeira com tamancos, dando beliscão em fumaça**, fazendo toda sorte de ginástica para, não sei como, sobreviver.

O pobre está cada vez mais pobre. Tão pobre que, numa nova divisão das classes econômicas da nossa sociedade, deixou de ser o pobre de ontem para se tornar, simplesmente, o miserável de hoje.

O pobre, ou melhor dizendo, o miserável, constitui um problema angustiante que tem que ser resolvido o mais depressa possível e, se não o for, sua situação poderá ocasionar sérios transtornos na vida social brasileira.

Deixemos que os economistas e os sociólogos estudem o problema, apontem uma solução urgente, para que os poderes públicos e a sociedade consigam estabelecer o equilíbrio sócioeconômico da nossa gente.

Vejamos, agora, como o pobre é considerado, como é visto pelo povo através dos provérbios, das legendas de caminhões e dos ditos populares:

- Galinha só aparece na mesa do pobre quando um dos dois está doente.
- Pobre só enche a barriga quando morre afogado.
- Pobre com bagagem perde o trem.
- Ser pobre como rato de igreja.
- Arquivo de pobre é um prego na parede.
- Pobre é como pneu: quanto mais trabalha mais fica **liso**.
- Pobre com pouco se alegra.
- Pobre com rica casado, mais que marido é criado.
- Cinema de pobre é janela de trem.
- Rico sai de casa e pega o carro; pobre sai de casa e o carro pega.
- Alegria de pobre dura pouco.
- Pobre é cavalo do Cão andar montado.
- Pobre é o Diabo.
- Se cabelo fosse dinheiro pobre nascia careca.
- Pobre só engole **frango** quando joga de goleiro.
- Pobre só come carne quando morde a língua.
- Pobre é como punho de rede: só anda com a corda no pescoço.
- Pobre, mas não da graça de Deus.
- Pobre muda de patrão, mas não de condição.
- Pobre não é nem o que o rico foi.
- Pobre só anda de carro quando vai preso.
- Ladrão que entra na casa de pobre só leva susto.
- No dia em que chover comida o pobre nasce sem boca.
- Pobre não morre cedo.
- Pobre não tem amigo e nem parente.
- Pobre só levanta a cabeça quando quer comer pitomba.
- Televisão de pobre é espelho.
- Quando o rico geme o pobre é quem sente a dor.
- Pobre só sai do aperto quando desce do ônibus.
- Pobre nunca tem razão.
- Pobre quando acha um ovo, o ovo está goro.
- Quando o rico corre é atleta e quando o pobre corre é ladrão.
- Pobre é como pneu velho: só vive na **lona**.
- Pobre quando mete a mão no bolso só tira os cinco dedos.
- Pobre só vai pra frente quando a polícia corre atrás.
- Pobre só recebe convite quando é intimado pela polícia.
- O despertador do pobre é o galo do vizinho.
- Dinheiro de pobre é como sabão: quando ele pega, escorrega.

- Coceira na mão do pobre é sarna e na mão do rico é dinheiro.
- Pobre que arremeda rico, morre aleijado.
- Pobre só vai pra frente quando leva uma topada.
- Piscina de pobre é poça de lama.
- Rico fica gordo e pobre fica inchado.
- Pobres, nós todos somos: miseráveis quem se faz são os donos.
- Pobre só acha a vida doce quando está chupando pirulito.
- O rico bebe para se lembrar e o pobre para esquecer.
- Dinheiro na mão de pobre só faz baldeação.
- Rico bêbado é divertido: pobre bêbado é pervertido.
- Pobre é como papel higiênico. Quando não está no rolo está na merda.
- Champanha de pobre é **Sonrisal**.
- Em pé de pobre é que o sapato aperta.
- Entre ricos e pobres não há parentesco.
- Deus dá o pão, mas o pobre não tem dentes.
- Em cara de pobre é que o barbeiro aprende.
- Pobre só herda sífilis.
- O pau enverga no cu do rico, mas só quebra no cu do pobre.
- O pão do pobre só cai com a manteiga para baixo.
- O pobre só vive de teimoso que é.
- O pobre é como limão: nasceu para ser espremido.
- Pobre não casa, junta os trapos.
- Pobre é como cachimbo, só leva **fumo**.
- Se merda fosse dinheiro, pobre nascia sem cu.
- Rico em casa de pobre é a desgraça da galinha.
- Pobre em casa de rico ou é dinheiro emprestado ou fuxico.
- Pobre só descansa quando plantado de olho pra cima para comer capim pela raiz.
- Mais vale um pobre honesto do que um rico ladrão.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

EM TORNO DO FOLCLORE

Ainda continuam sendo muitos os que olham o Folclore com certo desdém, por cima dos ombros, como sendo coisa sem importância, coisa de **matuto** que fala errado e acredita em tudo quanto é tolice, besteira. Este falso conceito de Folclore está ainda mais presente na boca de pessoas mais idosas e, até mesmo, de alguns antropólogos mais radicais que esposam teorias e mais teorias de profundo saber, donos que são de uma terminologia cientificamente elitizada, mas esquecidos de que a sabedoria popular sempre existiu desde os tempos

imemoriais, muito antes, mesmo, da existência de tipografias e universidades, quando a comunicação se processava através dos séculos, pela oralidade, de avô para neto, de pai para filho.

Esquecem, tais pessoas, que o Folclore foi o marco-zero, o ponto de partida de todos os conhecimentos humanos, de todas as ciências. Assim, o Direito Consuetudinário - repositório dos mais velhos costumes e das mais antigas tradições morais - serviu de base e alicerce para a legislação atual de todos os povos. Não se lembram os ilustres médicos que a medicina empírica - com seus remédios girando em torno de ervas, tubérculos e raízes - foi o começo da medicina científica que continua usando as plantas industrialmente, apelando sempre para a riqueza da nossa flora. Fazem ouvidos de mercador certos **experts** em música, relegando a um segundo plano a importância da música folclórica, criada pelo povo que não tem noções de harmonia, sustenidos e compassos, na qual Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Levino Ferreira foram se inspirar na composição de belíssimas páginas da música brasileira. Não compreendem alguns poetas que são tão poetas como os nossos improvisadores, nos desafios, em suas mais variadas modalidades, capazes de dizer, como o poeta popular Antônio Pereira, de São José do Egito, coisas tão bonitas como este seu poema sobre a saudade:

*- "Saudade é um parafuso
que tendo rosca, não cai.
Só entra se for torcendo,
porque, batendo, não vai
e quando enferruja dentro
nem destorcendo ele sai..."*

*Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente..."*

Não percebem os escultores - com seus cinzéis, seus escopos e seus martelos, trabalhando em madeira de lei ou em mármore de Carrara, que o mestre Vitalino e outros ceramistas populares do Nordeste, usam apenas a imaginação, as mãos ásperas e calejadas pelos cabos das enxadas e o barro amassado com o suor de seus rostos - o mesmo material usado por Deus quando criou o Homem - para também criar um mundo de arte, de sonho e de beleza através de peças que se encontram expostas nos museus das principais cidades do mundo.

Acontece que não são apenas alguns médicos, poetas, escultores, compositores e outras pessoas instruídas que estão relegando o folclore a um segundo plano. Até mesmo o próprio povo, principalmente nas grandes cidades, está se divorciando um pouco de suas raízes, numa transição do ontem tradicional para o hoje tecnológico.

E por que o povo, principalmente das grandes cidades, está se distanciando de suas origens, de suas raízes, de suas tradições? Eis uma pergunta merecedora de algumas respostas.

O Nordeste do começo do século era um mundo muito limitado. O homem era mais prisioneiro de sua fazenda, de seu povoado, de sua cidade. Quase ninguém sabia ler e os que eram alfabetizados só recebiam os jornais, transportados no dorso dos cavalos, muitos dias depois de publicados, quando os acontecimentos já haviam acontecido. Depois, estradas foram abertas, escolas foram instaladas, apareceu o trem encurtando as distâncias e devorando as nossas matas. A derrubada das matas, para alimentar as locomotivas, fez com que as chuvas ficassem ainda mais escassas, o que causou sérios problemas à vida econômica da região. Veio a seca. Com a seca, a necessidade de migrar para o Sul. Os nossos homens do campo, mesmo sem serem mão-de-obra especializada, saíram à procura de qualquer tipo de trabalho que garantisse o sustento da família. O nordestino passou a ser um nômade, levando, consigo, sua bagagem sentimental, provocando, assim, a destruição das fronteiras do seu mundo municipal, do seu cosmo estadual, do seu universo regional, no que contou com a participação da televisão massificante, adquirindo novos costumes, modificando seu linguajar, alterando seu comportamento, sua maneira de vestir, seus dogmas religiosos e morais. Regressando do Sul para rever a família, o nordestino chegou vestindo blusas multicoloridas, usando óculos **ray-ban**, com um radinho de pilha a tiracolo. Não era mais o mesmo nordestino quando saiu daqui, embarcado nos paus-de-arara. E os que não retornaram ao Eldorado sulista, com o pouco dinheiro que conseguiram trazer, compraram suas casas nas vilas e cidades, deram adeus às atividades agropecuárias, passaram a ser cidadãos, um tanto ou quanto divorciados de suas raízes.

Os jovens que vieram do interior cursar as universidades nas capitais viram seu universo intelectual implodir ante as conquistas das ciências e o avanço da tecnologia. Adquiriram revolucionários conhecimentos, novos e diferentes hábitos, sepultando, com a infância distante, as suas crenças e tudo quanto constituía o seu mundo. Alguns passaram até a se sentir envergonhados de terem nascido no interior, de serem **matutos** e, durante as férias, contribuíram até para a modificação dos hábitos familiares contidos na bagagem folclórica acumulada durante séculos, misturando o tradicional e o moderno, estabelecendo, assim, uma certa confusão entre o real e o imaginário, entre o tecnológico e o folclórico. Mesmo assim acontecendo, muitos ainda conservam costumes herdados de seus antepassados.

Talvez, também, em consequência de sua dinamicidade e por motivos outros, o Folclore está vivendo uma série de dificuldades por culpa não somente dos poderes públicos como também do povo, de um modo geral. Cada carnaval que passa assistimos ao aumento considerável das escolas de samba que, por incrível que pareça, são em maior quantidade e recebem maiores subvenções do que os **clubes**, os **blocos**, as **troças**, os **maracatus** e os **caboclinhos**. Todo mundo sabe que o Recife é a única cidade brasileira que tem, no **frevo**, uma música própria, característica, somente nossa. E o que acontece? Durante os festejos momescos o samba e o **reggae** do Caribe tentam, cada vez mais, sufocar o mais marcante gênero musical carnavalesco pernambucano. Não seria mais certo se o

povo e os poderes públicos valorizassem o que é nosso, protegendo a memória recifense, dando prioridade ao **frevo**? Não seria mais certo se os poderes públicos e os diretores de clubes contratassem as orquestras, relegadas a um segundo ou terceiro planos, exibindo orquestras e cantores alienígenas que nada têm a ver com o nosso carnaval? Passado o carnaval, nas festas sociais, as orquestras e os cantores de fora poderiam ser convidados. Nós, os folcloristas não somos contra o **rock**, o **bolero**, o **reggae**, o **blue**, de maneira nenhuma. Eu mesmo tenho fitas e discos de toda música, não importa a nacionalidade, clássica e popular, porque a música é universal, não tem fronteiras, mas tem época como o **frevo**, tem passado como o **frevo**, é característica do nosso carnaval como é o **frevo**. Que as **Freviocas** percorressem as ruas da cidade tocando **frevo**, valorizando, sem nenhum bairrismo, a nossa música. Deviam, os poderes públicos, subvencionar melhor os nossos blocos, os nossos **maracatus**, os nossos **caboclinhos**, as nossas **troças**, o nosso carnaval. Fica aqui o nosso apelo, o apelo de todos os folcloristas pernambucanos, aos senhores Governador e Prefeito, aos senhores Deputados e Vereadores, no sentido de ajudarem a manter viva a chama de uma tradição tão nossa, tão pernambucanamente recifense.

E o nosso São João, como é que vai? Aqui, no Recife, é uma tristeza observar como estão descaracterizando os festejos juninos no seu todo, as **quadrilhas**, principalmente. Todos sabem que a música própria das **quadrilhas** é o baião. E o que está acontecendo? Estão simplesmente substituindo o baião por músicas do Caribe que nada têm a ver com as tradicionais festas de São João. E as roupas dos participantes das **quadrilhas** estão cada vez mais elitizadas, desde o modelo usual até os tecidos usados na confecção das vestimentas. As **quadrilhas** estão mais parecidas, no vestuário, com as escolas de samba. Há **quadrilhas** que adotam um tema. Li nos jornais recifenses que determinada **quadrilha** tinha como tema a seca do Nordeste. **Quadrilha** não tem tema, não tem enredo, como todos sabem. E o casamento de matutos é apresentado de maneira caricata, mostrando um noivo com as calças remendadas com tecidos completamente diferentes. Uma tristeza. E o que fazer? Reunir os organizadores das **quadrilhas** e mostrar-lhes tudo que está errado para que as **quadrilhas** se apresentem dentro dos cânones da tradicionalidade.

E o que fazer para que o Folclore não perca suas características próprias? Em primeiro lugar precisamos divulgar o nosso Folclore em toda a sua pureza. Por que não usar, na decoração das residências, bonecos de barro, talhas, cerâmica decorativa, santos de madeira ou de barro? Por que não voltarmos a ler os **folhetos** de feira que deram tanta motivação para que o nosso Ariano Suassuna escrevesse suas peças de teatro e seu romance? Os **folhetos** são o tema de muitas teses de mestrado defendidas por estudiosos da Alemanha, da França, dos Estados Unidos, do Japão e outros países do primeiro mundo. Os estrangeiros quando chegam aqui no Nordeste ficam maravilhados com a nossa literatura popular em verso, com os nossos **folhetos** de feira. Agora mesmo, vai casar no próximo dia 12 de setembro David Jasmin - que deu um curso de Física Nuclear na Universidade Federal de Pernambuco - com Elise Grunspan, uma pesquisadora francesa, e o convite de casamento é todo motivado em capas de folhetos de feira. Querem ver como os estrangeiros são apaixonados pelo nosso Folclore? A pesquisadora alemã Regine Algayer-Kaufmann, da Universidade de

Berlim, passou seis meses embrenhada nos sertões nordestinos e já publicou, em alemão, um excelente trabalho em dois volumes, intitulado *O aboio do vaqueiro nordestino*, estudo que inclui a musicografia completa do **aboio** dos nossos vaqueiros sertanejos.

Agora, eu faço uma pergunta: se os estrangeiros valorizam tanto o nosso Folclore por que, nós, os brasileiros, vamos ficar de braços cruzados, assistindo à descaracterização do que nós temos de mais interessante, de mais bonito, de mais tradicional? Vamos à luta, uma luta que deve contar com a participação de todos, em defesa de nossas tradições, de nossas raízes, do nosso Folclore. Agora, no apagar das luzes deste século tão importante para a humanidade, a tecnologia está comandando os destinos da raça humana, através das mais revolucionárias invenções que estão, cada dia que passa, mudando o destino das gentes. A informática, as viagens espaciais, a televisão e outros sonhos de Leonardo da Vinci e de Júlio Verne - mestres, no mundo da ficção científica do passado - fizeram com que o homem caminhasse com botas de sete léguas na história do progresso.

Ante o avanço extraordinário da tecnologia, será que o Folclore está começando a morrer? Não; o homem, apesar do avanço da tecnologia, continuará sendo o mesmo homem, sonhando sempre, cada qual pensando e agindo de maneira diferente, armazenando no seu íntimo, sua maneira de pensar, de ser, de agir, sempre voltado para o sobrenatural que é a maior interrogação na vida de todos nós, sempre povo, vivenciando tudo quanto foi herdado de seus ancestrais. E enquanto existir o homem, enquanto houver povo, o Folclore jamais deixará de ser o espírito, a tradição, o passado, o alicerce de um povo na sua eternidade.

Querem uma prova da eternidade do Folclore? Um americano, o primeiro homem a pisar o solo lunar, fê-lo com o pé direito, para ter sorte na sua caminhada pelo chão desconhecido e misterioso da Lua. Outro navegante do espaço - um russo - levou, em sua companhia, como mascote, uma cadela. Os remédios populares, existentes desde os tempos imemoriais, estão sendo cada vez mais usados por não causarem efeitos colaterais. Os folguedos populares, as cantigas, as crendices, as adivinhações, a literatura popular em verso, a linguagem popular, o carnaval, tudo continua vivo, existindo, fazendo parte da vida de todos nós.

Eis as razões pelas quais eu acredito na eternidade do Folclore, que continua sendo o meu sonho e a minha luta, a minha razão intelectual de existir, tendo como meta o trabalho de registrar pequenos detalhes folclóricos antes que se percam nas dobras do tempo, pensando como nosso Pereira da Costa: *“Sou um simples cronista, como que o rude mineiro que desce às profundezas da terra, extrai o diamante informe, cheio de impurezas e o entrega ao perito e paciente lapidário para lhe dar brilho e valor.”*

A INFIDELIDADE CONJUGAL

E O FOLCLORE

Recebi um telefonema de uma leitora, que teimou em não se identificar, dizendo que leu a matéria que o jornalista Marcelo Pereira escreveu no caderno C do **Jornal do Commercio** sobre o meu livro *A mulher e o homem na sabedoria popular*, comprou o livro que já leu e gostou muito, o que muito me alegrou, mas desejaria conhecer minha opinião sobre a infidelidade conjugal, se eu sabia de alguma receita, algum conselho que pudesse solidificar ou reforçar o respeito recíproco que deve existir entre o homem e a mulher para que o casamento permaneça firme através dos anos, equilibrando, assim, a vida do casal.

Devo confessar que o assunto foge à minha alçada de pesquisador de assuntos folclóricos, foi o que eu lhe disse, de início.

- *“Mas, o senhor, com os seus setenta e cinco anos de vida, de experiência, de observador do comportamento humano, naturalmente que poderá opinar sobre o assunto, não é?”*

Depois de matutar alguns minutos, de conversar com os meus botões, cheguei à conclusão de que, realmente, o direito de opinar é próprio de cada ser humano e que a vida longa que já vivi me dá o direito de exercê-lo, desde que o faça com cuidado, **pisando em ovos**.

A infidelidade conjugal me parece tão antiga como a prostituição, podendo até mesmo ser considerada como seu vestibular. E como começou a existir a infidelidade conjugal? Acredito que, tanto da parte do homem como da mulher, a infidelidade passou a ser uma realidade desde os primórdios da civilização, quando as mulheres, injustamente e sem nenhuma explicação lógica, não eram consideradas como seres humanos, donas de seus direitos, de seus sonhos e do livre arbítrio no que se refere ao casamento. Consideradas como objetos pelos **machistas** desde a pré-história, as mulheres eram dadas, vendidas, trocadas como ainda continua acontecendo em alguns países do mundo.

Até o começo do século as mulheres eram dadas em casamento por seus pais, por conveniência econômica, logo quando nasciam, aos filhos dos amigos e parentes, com a finalidade de solidificar fortunas, aumentar feudos. Quando cresciam, realizava-se o casamento de duas pessoas que nem se conheciam e nem se amavam. Casados contra a vontade, sem que o tal ato fosse impulsionado pelo amor, os homens e as mulheres, estas em menor escala, procuravam, fora do lar, a satisfação de seus instintos sexuais com a participação da pessoa certa, de acordo com a simpatia, o amor e a atração, requisitos próprios de um casamento normal.

A infidelidade conjugal do homem foi, assim, consequência de uma sociedade mal estruturada, como já vimos. Desde rapaz, acostumado a procurar mulheres de acordo com seu paladar **machista** e com suas posses, o homem, depois que casa, acha difícil viver a vida toda com a mesma mulher, principalmente quando o seu egoísmo passa a considerar que a companheira escolhida começa a perder os encantos da juventude, à medida que os filhos aparecem e desaparecem seus

atrativos. Ele passa, então, a se entreter sexualmente com outras mulheres, esquecido de que também começa a perder sua juventude, ficando calvo, a barriga crescendo por conta das cervejas saboreadas nas mesas dos bares. Mesmo assim, com algum dinheiro, o homem consegue comprar o amor (entre aspas), pagando jantares, dando presentes às mulheres que levam tal tipo de vida, notadamente quando não conseguiram escolher o companheiro através do casamento.

É aí que a mulher, muitas vezes descuidada de seus encantos, perde seus trunfos e fica relegada a um segundo plano.

É aí que entra o Barão de Itararé com sua filosofia popular: “*Nas mulheres, a fidelidade é uma virtude; nos homens, é um esforço.*”

Quando as mulheres são ainda atraentes, alguns homens são responsáveis pela infidelidade de suas bonitas esposas. Vou buscar reforço no folclore, porque o povo diz que as mulheres, enquanto não perdem a virgindade, permanecem quietas, sem problemas. Mas depois de **bolidas**, os maridos têm que abrir os olhos, continuar **bolindo** sempre porque, se não o fizerem, elas vão procurar satisfazer seu desejo com o primeiro que aparecer, levando-se em consideração seu poder energético.

O povo também sabe de uma receita muito boa para que as mulheres consigam manter seus maridos fiéis: é deixá-los sempre com a **bateria** descarregada. Assim fazendo, os maridos podem ver Miss Universo **pelada** e tomam a bênção pensando que é a avó.

Muito obrigado, cara leitora, por haver gostado do meu livro. E desculpe se minha opinião não conseguir satisfazê-la.

CANTAR É PRECISO

Já vai longe o tempo em que as meninas-moças costumavam ter seu caderno de capa dura onde copiavam poesias e pensamentos de amor. Noutro, escreviam as avoengas e tradicionais receitas culinárias. Num terceiro caderno transcreviam, sempre usando uma caligrafia caprichada, as letras das **modas** da época, quando o rádio dava seus primeiros passos e a televisão ainda nem pensava existir.

Era no tempo em que as serestas povoavam as noites de Lua. Um violão afinado e uma voz melodiosa, à janela da mulher amada, falavam romanticamente de amor. Quando o apaixonado não tinha voz para cantar convidava um seresteiro de fama para fazer as suas vezes. E, na calada da noite, nas pequenas cidades do interior e nas ruas dos subúrbios das capitais, os namorados enviavam à mulher amada doces mensagens do seu amor, através de valsas dolentes como **A pequenina cruz do teu rosário, Patativa, Rosa** e também **Porta aberta e O ébrio**, sucessos de Vicente Celestino, Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo e outros cantores famosos.

Quando o rádio e as vitrolas começaram a aparecer, aumentou, ainda mais, o interesse e o gosto das mocinhas pelas modas que passaram a ser tantas e tão bonitas que enchiam cadernos e mais cadernos.

Nos dias em que vivemos quase ninguém canta mais como antigamente. Em nossa casa, nunca ouvi nenhum dos meus sete filhos cantar. O rádio, a televisão e a fita **cassete** estão substituindo as pessoas na arte de cantar.

Onde é que estão os cadernos de poesia e de pensamentos? Por que as mocinhas não escrevem mais as gostosas receitas culinárias em seus cadernos de capa dura? E os cadernos de moda, que fim levaram? Onde estão as serestas? Que fim levou o **tenor de banheiro**, denominação dada a quem costumava cantar enquanto tomava banho?

Diz a sabedoria popular que “*Quem canta seus males espanta*”, o que não deixa de ser uma verdade porque cantar, chorar e rir são os melhores remédios para os males da alma. É cantando, chorando e rindo que as pessoas lavam a alma, descarregam problemas e motivos outros de tristezas e aborrecimento.

A violência, o sexo desenfreado, a ansiedade, a luta pela vida fazem com que a mente das pessoas fique sobrecarregada de hiatos psicológicos. O homem cada vez mais está se divorciando das belezas da natureza. Um pôr de sol, uma criança sem **vídeo-game**, os pássaros em liberdade, o azul do céu em pleno verão, estão esquecidos agora.

É preciso que os seres humanos fiquem mais humanos e menos materializados. É preciso que contemplem a natureza para que volte a existir a paz interior que morava no coração de todos nós. É preciso que os seres humanos deixem de ser escravos do tempo, da velocidade, da violência, do sexo, coisas que estão mudando o comportamento humano. É preciso cantar. É preciso amar o próximo. É preciso ter fé para que os corações voltem a ter melhores dias, sem enfartes, sem pontes de safena, sem tantas preocupações.

As últimas gerações estão vivendo momentos difíceis, em consequência da crise econômica responsável por tantos problemas. A mente dos seres humanos está sobrecarregada de cifrões, de cheques predatados, de cartões de crédito. Os seres humanos estão se transformando em verdadeiras máquinas, correndo atrás do tempo, com pesadelos econômicos. Onde está o tempo em que se davam flores às mulheres? Onde está o tempo em que as pessoas sorriam? A televisão anda cheia de humoristas que, na maioria das vezes não conseguem fazer ninguém rir, porque a mente de todos está sobrecarregada, bloqueada, escrava do dinheiro.

Vamos cantar, como antigamente, porque cantar é preciso.

A MOBILIDADE CEARENSE

O cearense é um povo danado, mesmo. De todas as **nações** brasileiras, a dos cearenses foi a que mais herdou a mobilidade do português colonizador que, a bordo de suas caravelas e patachos, animados pelo espírito aventureiro e com muita coragem, singrou “*os mares nunca dantes navegados*”, descobrindo novas terras, propagando sua língua e seus costumes, seu folclore e sua alma, nos quatro cantos do mundo. Mas o cearense não é somente danado devido à mobilidade que ainda hoje participa de seu espírito aventureiro. O cearense é um povo inteligente que inunda as páginas da história deste país, como político, como profissional liberal, como escritor e artista.

Quando trabalhava no consulado brasileiro numa das cidades japonesas o escritor Nelson Tabajara de Oliveira, no seu *O Japão que eu vi* (da Coleção Viagens da Editora Nacional, São Paulo), publicado na década de quarenta, nos conta como encontrou um cearense dono de uma bodega em Tóquio ou Nagasaki, não lembro mais a cidade.

Mas cearense tem em toda parte do mundo. Acredito que até mesmo em Fortaleza não seja muito difícil encontrar um cearense.

Calculem vocês que, agora mesmo, lendo *O Folclore no Rio Grande do Sul*, magnífico trabalho de Dante de Laytano, fiquei sabendo que foi o cearense José Pinto Martins, o introdutor da indústria do charque nos pampas, indústria responsável pela criação nos séculos XVIII e XIX, de um ciclo econômico muito importante na região. Eu acredito que o cearense, lembrando-se de sua terra, começou a fazer **carne-de-sol** ou **carne seca** ou **carne-do-sertão** nas estâncias gaúchas e a carne ganhou o nome de **charque**, palavra que vem do quíchua, língua dos incas. O folclore do charque, portanto, começou com um cearense: agente folclórico, explica Dante de Laytano.

Penso que os gaúchos adaptaram a **carne-de-sol** às suas necessidades. Como o sol não fosse muito parecido com o do Nordeste, eles tacaram sal para que a carne tivesse condições de ser exportada. E criaram o **charque de vento**, que é o que se prepara nas estâncias para consumo próprio. **Charque de vento é um pedaço delgado de carne de gado vacum, com pouco sal e seca à sombra e à ação dos ventos**, ensina Laytano no seu excelente livro.

Não será surpresa para mim se, quando os americanos chegarem a Marte, encontrarem um cearense com a nossa bandeira, saudando os astronautas:

-Alô, **bichim...**

CURIOSOS REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE

As raízes da medicina empírica estão cravadas na Bíblia, Apocalipse: 22, 1-2: *“Ele me mostrou um rio da água da vida, resplandecente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro no meio de sua praça e de uma a outra parte do rio, estava a árvore da vida, que dá doze frutos, produzindo em cada mês seu fruto, e as folhas da árvore servem para a saúde das gentes”*.

À medida que os santos homens iam pregando a palavra de Deus entre os povos do mundo, a medicina popular - folhas, flores, tubérculos e raízes das árvores - ia-se propagando, e os povos procuravam encontrar a árvore da vida experimentando todos os arbustos que encontravam para curar seus males, dando, assim, a origem da medicina ortodoxa, folclórica, a medicina do povo.

Os sábios de então, por sua vez, pensavam encontrar o rio da água da vida. E como eram sábios, naturalmente sabiam mais do que o povo que nada sabia. E como a palavra de Deus chegava ao conhecimento deles através de parábolas, entenderam, depois que fizeram experiências - trata-se de uma mera suposição de nossa parte - que tinham que procurar um líquido que curasse os males das gentes, quer esse líquido fosse o suco de frutos ou tubérculos das plantas, quer o líquido fosse encontrado em fontes milagrosas.

Mas os povos, quando adoeciam, procuravam, desordenadamente, encontrar nas diversas espécies de plantas, uma maneira de ficarem restabelecidos das doenças que contraíam por forças das condições sanitárias em que viviam.

E assim, tropeçando nos erros e acertos, os povos, desde priscas eras, só dispunham dos remédios que criavam feitos com as diversas partes das plantas e até mesmo com pequenos animais, dando, assim, asas à imaginação, à inventiva, à criatividade. E por conta desses métodos ortodoxos é que foram surgindo, também, os remédios mais curiosos e pitorescos que já tivemos notícia.

O **cólera morbos** surgiu nas margens do rio Ganges, na Índia, e chegou ao Brasil em meados do século XX a bordo da galera “*Defensor*” que atracou, em 1855, no porto de Belém do Pará. De Belém, o cólera se espalhou pelo Nordeste com tanta impetuosidade que conseguiu fazer 125.793 vítimas e em virtude da precariedade das condições sanitárias da região e por estar a medicina científica dando ainda seus primeiros passos, somente em Vitória de Santo Antão ceifou 4.000 vidas e no Recife, 3.336 pessoas contraíram o mal e morreram.

No seu “*Livro de Assentos*”, Félix Cavalcanti de Albuquerque Mello (1821-1901) escolhidos e anotados por Diogo de Melo Menezes e comentados por Gilberto Freyre, publicado algum tempo depois sob o título **O Velho Félix e suas Memórias de um Cavalcanti**, vamos encontrar um autêntico retrato da época em que grassou a epidemia do cólera em Pernambuco.

Registrou o velho Félix no seu *Livro de Assentos*: “No dia 14 de 1854 se deu no Engenho Cacimbas, no termo de Santo Antão, o primeiro caso de **cholera-morbus** nesta comarca. A comarca de Garanhuns foi o primeiro ponto da Província invadido pelo **cholera**. Passou a Papacaça e Altinho, seguiu para a capital e generalizou-se por toda a Província. A cidade de Victoria, diz-se geralmente, foi a localidade de Pernambuco onde a epidemia lavrou com maior intensidade. Constou nas investigações da policia ter havido dia de fallecerem 120 pessoas, mortandade espantosa para uma cidade de 6.000 habitantes. Dizem que

o conselho de Hygiene Ribeira, de acordo com o Presidente da Provincia José Bento da Cunha Figueiredo, havia deliberado mandar incendiar a cidade, porque a esperança de extinção do mal havia abandonado a todos. Felizmente um offício do delegado do termo dirigido ao presidente, informando que a epidemia declinava de intensidade, suspendeu a execução do projecto.”

A medicina de então não dispunha de recursos para debelar o mal, o que não acontece agora.

O velho Félix foi acometido de cólera. Diz ele: *“Procurei então combater a diarreia com aguardente e sal, segundo aconselhava o doutor Sabino, do que me havia esquecido mas que me foi lembrado por um amigo que se achava refugiado em minha casa; e com effeito, o mal não resistiu à segunda dose. Suspendeo logo a evacuação. considere-me escapo. Nada mais senti.”*

*“Em 16 de junho de 1862 - prossegue o velho Félix - foi acometida minha filha Lisbella (Sinhá) de **cholera morbus**. Tendo se manifestado fraco, tomou depois aspecto grave. Quinze dias conservou-se de cama sem tomar alimento algum, além d'uma colher de vinho do Porto, que às vezes lancava.” (...) “Tudo quanto os dois systemas médicos aconselhavam applicou-se mas em vão.”*

E como Lisbela, a filha do velho Félix conseguiu se restabelecer? O remédio para soltar a urina foi o seguinte: *“Cinco moscas torradas e dissolvidas em uma colher de água morna fizeram-na urinar em 13 minutos. Um sertanejo do Brejo da Madre de Deus me aconselhou este remedio, o qual eu recusei-me a aceitar; mas n'essa ocasião estava lá em casa o meu amigo João Vicente, que se opôs a minha recusa e ele ,mesmo foi procurar as moscas, eu as torrei, dei-as de beber a menina, o que produziu tão maravilhoso effeito.”*

Vejamos, em seguida, outros remédios curiosos e pitorescos até, usados pelo povo nordestino:

AMEBA. Tomar, durante 30 dias, em jejum, um copo de água fria com três gotas de creolina.

ASMA. 1) Tomar chá feito com **enxerto-de-passarinho**. 2) Fumar um cigarro feito com folhas secas de **zabumba**. 3) Comer testículos de porco assados e servidos com sal. 4) Tomar fel de boi misturado com um pouco de cachaça. 5) Tomar chá feito com **chocalho** da cobra cascavel. 6) Tomar chá feito do **olho** que tem na pena do pavão.

AZIA. Beber um copo d'água no qual foram colocadas três pitadas de cinza fria.

BICHO-DO-PÉ. Depois de retirado o **bicho-do-pé**, com o auxílio de um alfinete, encher a cavidade com sarro de cachimbo

CALO. Quando o sapato é novo, o calo é sempre uma certeza: 1) Colocar sobre o calo cera-de-ouvido. 2) Pingar no calo leite de **avelós**.

CATAPORA. Para catapora acabar de sair ou sair ainda mais depressa, nada como tomar chá feito com o **cabelo-de-milho** sem açúcar.

CACHUMBA. Aplica-se, no local, um emplastro feito com o lodo do pote de carregar água da **cacimba**.

CHULÉ. É bom lavar os pés com a urina de uma criança.

DEDO, PÉ ou BRAÇO DESMENTIDOS. Dar uma surra no lugar afetado com um saquinho de sal grosso.

DESMAIO. 1) Passar, dentro do começo do nariz da pessoa desmaiada, uma pena de galinha até a pessoa voltar a si. 2) Soprar nos ouvidos e bater na sola dos pés até a pessoa tornar, voltar a si.

DOENÇA-DOS-OLHOS. 1) Pingar, no olho doente, algumas gotas de leite materno. 2) Banhar os olhos com a água onde se pôs uma rosa branca.

DOR-DE-BARRIGA. 1) Tomar chá feito com a moela da galinha, crua. 2) Comer uma banana prata verdosa. 3) Comer um pedaço de **macaxeira branca**, crua.

DOR-DE-CABEÇA. Colocar, sobre a testa, uma mistura feita com pó de café e manteiga.

DOR-DE-DENTE. 1) Introduzir na cárie, se couber, uma cabeça de fósforo. 2) Encher a cárie com o pó feito do **chocalho** da cobra cascavel. 3) Encher a cárie com sarro de cachimbo.

DOR-DE-GARGANTA. Comer **tanajura** torrada, se for tempo de **tanajura**.

DOR-DE-OUVIDO. Botar, no ouvido que estiver doendo, três gotas de leite materno.

ENJÔO-DE-GRAVIDEZ. Comer um pombo bem assado, sem sal.

ENJÔO-DE-VIAGEM-DE-AUTOMÓVEL. 1) Colocar uma castanha de caju no bolso, se for homem, ou na bolsa, se for mulher. 2) Mascar uma cabeça de fósforo.

ERISPELA. Amarrar, no tornozelo, uma fita vermelha.

FURÚNCULO. Para o furúnculo estourar, por si só, nada como colocar no **olho da cabeça-de-prego**, um emplastro feito com o couro do bacalhau, cru.

GALO-NA-CABEÇA. Quando se leva uma pancada na cabeça e aparece um **galo** nada como fazer, sobre ele, forte pressão com a folha de uma faca fria.

HEMORRAGIA. Colocar, no local da hemorragia externa, para parar o sangue, um chumaço de algodão embebido em verniz de carpinteiro.

HEMORRAGIA NASAL. Molhar a cabeça em água fria e ficar olhando para o céu durante cinco minutos.

HEMORRÓIDAS. 1) Sentar num pedaço de tronco de bananeira recém-cortado. 2) Colocar uma pele de fumo no anus. 3) Colocar compressas de querosene.

HIDROCELE ou ÁGUA-NAS-PARTES. Ferver a água necessária para quase encher uma bacia de tamanho médio em que se tenha colocado uma caixa de charutos vazia, para que o doente se acocore e possa tomar banho do vapor.

IMPINGEM. 1) É bom cobrir a impingem com tinta de escrever. 2) Esfregar a impingem com tinta de escrever. 3) Esfregar a impingem com pólvora de caçador.

IMPOTÊNCIA SEXUAL. 1) Tomar chá de catuaba. 2) Comer testículos de boi, assados. 3) Tomar sopa de mocotó-de-boi.

INDIGESTÃO. Chá feito com a pele que envolve a moela de uma galinha, crua.

JÁ-COMEÇA ou COCEIRA. Tomar banho com o cozimento de maxixes, sem comê-los.

LOMBRIGA. Comer coco seco raspado, em jejum até aborrecer.

MAL-DOS-SETE-COUROS. Passar, no local, sebo de **carne-do-ceará**, bem quente.

MIJAR-NA-CAMA. Nada com dar umas lapadas na criança com um **muçum** vivo.

MORDIDA-DE-COBRA. Tomar meia garrafa de querosene e comer um prato de farofa com bacalhau assado na brasa.

MULHER MANINHA. Para que a mulher venha a ter filhos: 1) Tomar água antes de ter relações sexuais. 2) Dar ao marido, todo dia, no almoço, carne de carneiro preto, com um copo de vinho.

PANOS BRANCOS. Lavar o rosto ou a parte afetada pelos panos brancos, com água de chuva caída na hora.

PRISÃO-DE-VENTRE. Tomar chá de cupim.

QUEDA-DE-CABELO. Pentear os cabelos com um pente feito de chumbo.

SOLUÇÃO. Pregar um susto à pessoa que estiver com soluço.

TERÇOL. 1) Engolir nove caroços de limão durante três dias seguidos. 2) Esfregar, no chão, a semente de **olho-de-boi** e depois colocá-la sobre o olho onde está localizado o terçol.

TRIPA-DE-FORA. (Prolapso do reto). Sentar a pessoa acometida do mal em um pedaço de tronco de bananeira cortado na hora.

UMBIGO-CRESCIDO-DE-RECÉM-NASCIDO. Chá de cabelo-de-milho.

URINA PRESA. 1) Fazer um chá do talo do jerimum, seco e torrado. 2) Chá de alpiste.

VERRUGA. Colocar sobre a verruga um pouco de mênstruo.

É assim que o nordestino pobre, sem INPS, procura, quando está doente, ficar bom para que possa cuidar do seu roçado, da sua luta, do seu trabalho.

O TELEFONE E A VIDA SOCIAL

Na cidade grande a vida social cada dia que passa vai perdendo seus costumeiros e tradicionais liames. Os filhos de uma família - que já não são tantos como nas primeiras décadas deste século - quando casam ou passam a viver em comum, vão residir nos subúrbios, longe uns dos outros. E depois de um dia de trabalho, transpirando por todos os poros, amassados nos ônibus superlotados, ocasião que também aproveitam para fazer todas as ginásticas possíveis e imagináveis no sentido de equilibrar o orçamento doméstico, ninguém tem mais tempo, nem coragem, nem dinheiro e nem segurança para tornar a sair de casa a fim de visitar os parentes e amigos separados pela lonjura. Bom, mesmo, é chegar em casa, pegar um chuveiro, vestir uma bermuda, conversar com a família e resolver os problemas do dia-a-dia, dar uma espiada na televisão ou ler o jornal cujos cadernos geralmente estão espalhados nos diversos cômodos. Depois, dormir para esquecer a ansiedade, sonhar ganhando na loteca, rezar para não perder o emprego.

Outro fator que está acelerando esse isolamento corre por conta de se morar em apartamento, onde os inquilinos dos edifícios residenciais mal se cumprimentam, cada qual na sua gaiola, no seu casulo.

Quando o crescimento das cidades se processava no sentido horizontal e não na verticalidade dos edifícios de apartamentos, quando inexistia a violência dos assaltos, as famílias costumavam botar as cadeiras nas calçadas, o que gerava um conhecimento entre os adultos e os jovens, enquanto as crianças brincavam na rua. Hoje, a violência, o trânsito de ônibus e milhares de automóveis proíbem essa prática salutar de se viver em sociedade. Outro dia, ainda vi cadeiras na calçada na cidade alta de Olinda, o que também ocorre nas cidades do interior.

Mas não foi somente o fato de morar em apartamento, de existir a violência dos assaltos e o trânsito constante de veículos nos grandes centros que acabou o hábito das cadeiras na calçada. A televisão também está participando dessa mudança na vida social da classe média. A televisão matou a janela, tirou as cadeiras da calçada, escravizando as pessoas da família com suas novelas, com filmes, transmissão dos jogos de futebol, e programas de auditório.

Isolado no seu apartamento, cansado do dia de trabalho, da viagem de ônibus e sem poder sair de casa por conta dos assaltos, para visitar os parentes e amigos, o homem apelou para o telefone (quando tem condições de adquirir uma linha ou alugar um, ou, mesmo, usar o **orelhão**) para fugir um pouco de sua prisão, sabendo notícias de seus parentes e amigos, e da ansiedade que rege seu cotidiano.

O telefone passou, assim, a aproximar, pela voz, as pessoas, a socializá-las.

Acontece, entretanto, que o telefone evoluiu aceleradamente a ponto de até mesmo adoecer. Perdeu a sua cor original que era o preto, ganhando um colorido que enfeita o ambiente, o que é bom. Inventaram o telefone sem fio, fazendo com que as pessoas não ficassem presas ao aparelho. O telefone celular, por sua vez, já está tomando conta do mercado da comunicação. Mas o telefone fez com que

os usuários perdessem sua privacidade quando a eletrônica criou o **grampo**. Hoje, não é mais o mesmo, com a função apenas de aproximar as pessoas ilhadas pela distância. Na ânsia de ganhar dinheiro fácil os homens prostituíram o telefone com, ninguém sabe quantas modalidades de **disque-mania** que infestam as grandes cidades.

Instalado em 1991, em São Paulo, o **Disque 900**, foi uma beleza, tirando dúvidas de português, dando conselhos para prevenir o câncer, fornecendo receitas culinárias. Logo em seguida surgiu o **Disque-piada**, contando anedotas escabrosas: o **Adriane Galisteu by Phone** que propicia ao usuário escutar histórias que só Adriane sabe contar: o **Tele-sacanagem**, de Florianópolis, serviço que, a pedido da sociedade, foi proibido em algumas capitais brasileiras, e que permite uma relação sexual pelo telefone.

Faz-se necessário um saneamento na **Disque-mania**, para resguardar a boa educação dos adolescentes e para que Alexandre Graham Bell descanse em paz.

RIR, TAMBÉM É PRECISO

A propósito de um artigo que escrevi para este jornal (**Cantar é preciso**, D.P. 1/9/1995) recebi, de Reinaldo de Oliveira Sobrinho, escritor paraibano, o recorte de um artigo de sua autoria (**Rabiscos de um aprendiz de província, O Norte**, João Pessoa, 16/5/1991) no qual tece interessante comentário sobre o riso, porque rir também é preciso.

Diz o articulista que **O riso, na sua essência, é uma expressão íntima de prazer, cujas causas até agora a própria ciência não conseguiu explicar**. E cita Rabelais, proclamando aos quatro cantos do mundo que **o riso é próprio do homem**. Mostra que Platão foi quem primeiro elaborou uma teoria sobre o riso, **um misto de alegria e dor**.

Passa, em seguida, a comentar a decadência do riso: **Os mais famosos palhaços de Paris - segundo leu numa revista - já se confessaram incapazes de provocar o riso em seus espectadores** e, acrescenta: **Não é por ausência de engenho e arte. É pura e simplesmente, pelo estado de espírito de um público tenso e esgotado, que não mais se sensibiliza com as até envolventes explosões de alegria**.

E a crise do riso (não no sentido econômico da palavra crise e nem por sua participação na locução **sofrer uma crise de riso**, mas na sua ausência) não é um assunto novo.

O romancista Eça de Queirós, já no seu tempo, constatou essa crise quando escreveu: **Já ninguém ri. Quase que ninguém mesmo sorri, porque o que resta do antigo sorriso, fino e vivo, tão celebrado pelos poetas do século XVIII é apenas um desfranzir lento e regelado de lábios. Ninguém ri e ninguém quer rir. O rir de Lutero que se ouvia no fim das ruas de Worms, o rir do grande Leonardo da Vinci, que fazia tremer os mármore, seriam hoje apenas ato de irreverência**.

E por que o riso está desaparecendo da face da Terra? A resposta ainda é do autor de *Os Maias*: **O riso acabou porque a humanidade entristeceu. E entristeceu por causa de sua imensa civilização. Quanto mais uma sociedade é culta, mais sua face é triste**.

É bom lembrar que Eça de Queirós viveu no século passado, quando o mundo era outro, bem diferente do mundo em que vivemos. E se o escritor estivesse vivendo em nossos dias, qual seria sua reação, sua opinião sobre o riso?

Mas, a pergunta continua martelando na memória de todos nós: Por que é que o riso está desaparecendo da face da Terra? Acredito que o que está acabando com a alegria de viver, com a satisfação das pessoas é essa epidemia de **stress**, de ansiedade, é a quantidade enorme dos mais variados problemas e das dificuldades que envolvem o homem contemporâneo.

O europeu ri muito pouco, notadamente o inglês que é duro na arte de rir. Carlitos fez o americano e o resto do mundo rir sem dizer uma só palavra. No Brasil o número de humoristas é até considerável se pensarmos num José Vasconcelos, num Walter d'Ávila, num Costinha, num Tom Cavalcanti, num Nerson

da Capetinga, para não citar muitos. Com eles, o povo ainda esboça um riso que, às vezes, não passa de um mero sorriso.

Mas estas considerações sobre o riso vieram à tona com a morte de Costinha, Nossa! Quando a televisão noticiou seu falecimento eu sofri um golpe, fiquei triste, porque ele era um dos poucos comicos que me faziam rir. Logo em seguida, a televisão, numa homenagem mais do que justa, mostrou a imagem de Costinha e, imediatamente, ri. Confesso que esta foi a única vez, em toda a minha vida que ri e fiquei triste ao mesmo tempo, de uma só vez.

Como Walter d'Ávila e outros, Costinha era um dos poucos comicos que me faziam rir, sem que fosse necessário dizer uma só palavra, como é o caso de Carlitos e, atualmente, o de Mr. Beam.

Como assim? É que para ser um bom comico é preciso, antes de tudo ter uma cara engraçada e muita presença de espírito. Uma **piada** contada por Costinha, com seus trejeitos e sua cara engraçada, tinha o sabor muito diferente da mesma **piada** contada por um comico que não tivesse tais predicados. Há comicos que não têm a fisionomia cômica. Bastava Costinha aparecer. Sua presença já era motivo para rir.

Mas Costinha morreu e eu tenho a certeza absoluta de que o Brasil ficou mais triste.

Quero agradecer a LÍRIO MÁRIO COSTA (era seu nome próprio, pouco comum), pelas inúmeras vezes que me fez rir, que me fez esquecer os meus problemas, e apresentar a dona AMOR LAURETTI COSTA, sua esposa, os meus sentidos pêsames.

MENINOS DE RUA, MENINOS DE CASA

Jamais desejaria estar na pele de uma dona-de-casa, mãe de família que trabalha dois expedientes. Já pensaram como é a vida dessa verdadeira heroína do cotidiano? Todo santo dia ela sai de casa bem cedinho, apanha o ônibus onde é amassada, triturada, fazendo a viagem na maioria das vezes de pé e, quando chega no trabalho vai enfrentar as suas tarefas funcionais. Ao meio-dia, tudo se repete: o ônibus cheio, o aperto, o desconforto, para chegar em casa e ter ainda que esquentar o almoço feito na noite anterior. Depois do almoço, ter que enfrentar todos os mesmos problemas e tornar a fazer as suas tarefas. Não é uma verdadeira heroína a dona-de-casa, mãe de família que passa o dia fora de casa, no trabalho?

Quando é que vai ter tempo e disposição para cuidar dos filhos, ensinando-lhes bons costumes e princípios morais, educando-os para a vida em sociedade no mundo cão em que todos nós vivemos? Quando é que vai ter tempo para orientar os filhos nas suas tarefas escolares?

A verdade é que o menor constitui o maior problema de todos os povos. Agora, aqui, no Brasil, estão cuidando, estudando, procurando solucionar o problema dos meninos de rua, meninos que passam fome, não tem direito à escola, dormem ao relento e - o pior - se transformam em pequenos marginais e criminosos quando atingirem a maioridade. Crianças que são vítimas de verdadeiras chacinas e que são eliminados friamente por pessoas más, sem coração. Deus queira que o problema seja resolvido para que haja, assim, um melhor equilíbrio social no mundo de amanhã.

Mas, há um outro problema semelhante ao dos meninos de rua: o problema dos meninos de casa, também abandonados pelos pais que passam o dia fora de casa, no trabalho, lutando para poderem dar a devida assistência aos filhos de seu amor, que ficam em casa, educados pelas babás despreparadas e pelos porteiros dos edifícios, com quem aprendem coisas erradas e inconvenientes.

O problema dos meninos de casa, tão grave quanto o dos meninos de rua, repito, só tem uma solução: para resolvê-lo, pelo menos em grande parte, só bastaria que o Governo adotasse, em todas as repartições públicas, federais, estaduais e municipais, um expediente corrido, único. Os meninos iam pra escola de manhã, justamente quando os pais também saíam para o trabalho. E quando voltassem do trabalho e da escola, pais e filhos estariam juntos. E as mães teriam mais tempo para melhor amá-los, orientá-los nas tarefas escolares, educá-los corretamente.

A adoção de um expediente único, corrido, além de alicerçar melhor a instituição da família, significaria, também, uma série de economia no que diz respeito às despesas das repartições no que se refere ao gasto de energia elétrica (centrais de ar-condicionado, elevadores, ventiladores, iluminação no ambiente de trabalho), de telefone, de água, de tudo. A própria nação gastaria menos combustível, de vez que os funcionários só faziam duas ao invés de quatro

viagens de ônibus, o mesmo acontecendo com os que vêm ao trabalho nos seus automóveis. Poderia, ainda, o pai de família encontrar um “bico”, de tarde, para ganhar uns trocados e equilibrar o orçamento familiar.

Pensem, senhores legisladores, no problema dos meninos de rua, sem esquecerem, também, a gravidade deste outro problema que é o dos meninos de casa, também abandonados.

EDUCAÇÃO ONTEM & HOJE

Não sei por que alguns leitores pensam que sou um poço de sabedoria, que sei de tudo quanto eles querem saber. Quando as indagações se referem à área do Folclore, ainda procuro dar um jeito, mostrar o caminho a ser percorrido, orientar.

Ainda outro dia quiseram saber o que pensava sobre a fidelidade conjugal e eu fiquei num aperto danado. Mas, depois de muito matutar, dei minha opinião, buscando auxílio na sabedoria popular.

Agora, uma universitária quer saber como vejo a educação brasileira, como ela é ministrada nos colégios e universidades. Confesso - cara leitora - que nada entendo de educação. Apenas fui, durante mais de uma década, inspetor federal de ensino. Fui professor em colégios e diretor de um ginásio. Mas fui estudante e, como tal, sofri na própria pele, a desarrumação e a confusão que envolvem o problema da educação entre nós.

Fui, de 1930 a 1937, aluno do Colégio Marista, no tempo do Irmão Pacômio, do Irmão Leão e de tantos outros que moram na minha saudade, como o professor Miguel Barkokebas - professor de canto orfeônico: - "Sê forte, forte como a rocha, que o mar, não pode abalar!"-, Clodoaldo de Oliveira, professor de Português. As aulas estavam divididas em dois períodos: das 8 às 11:30 e das 12:30 às 15:30 horas.

No Marista do meu tempo - e Hildeberto Buarque de Macedo não me deixa mentir - os alunos não eram argüidos pela ordem numérica nem alfabética das cadernetas de classe, mas ao bel prazer do professor. Ninguém sabia quando seria argüido. E quem não soubesse da lição ficaria na “banca” e só ia pra casa quando “desse” a lição não sabida.

A quantidade de disciplinas ou matérias é que era (não sei se ainda hoje continua sendo) enorme. Eu me lembro que na quarta série ginasial estudávamos dez matérias, entre as quais quatro línguas: português, latim, inglês e francês. Imaginem como as quatro gramáticas se confundiam na cabeça da gente, de mistura, ainda, com física, química, história geral e do Brasil, geografia, história natural, desenho, além de religião, canto orfeônico e educação física.

Tinha dia em que minha cabeça começava a ferver e eu não conseguia assimilar mais nada. Misturava as quatro gramáticas, as declinações latinas, os gases, os fatos históricos, as leis de física, os pis (pi=3,1416, será que ainda me lembro?). Resultado: terminei o curso ginasial com uma gama confusa de conhecimentos ecléticos mas sem nenhuma consistência, sem a menor profundidade.

O mal do sistema educacional brasileiro reside nos programas, da quantidade enorme de ciência que o aluno é obrigado a estudar, sem que tenha a curiosidade e o gosto de fazê-lo, tendo em vista a profissão que deseja abraçar. Digam-me por que um estudante ginasial que pretenda estudar Direito tenha que percorrer os caminhos tortuosos e difíceis da matemática, da química, da física e de outras matérias, cujos programas que de tão extensos que são, nunca conseguem ser explicados porque o tempo não dá? Tudo faz crer que, com tantas matérias, os alunos estejam fazendo um curso para sábio e não para uma futura profissão liberal.

A solução seria, a meu ver, a elaboração de um programa científico e outro clássico para que os alunos pudessem melhor se adaptar e se situassem dentro de suas aptidões vocacionais, cada um seguindo seu destino desde o curso ginasial.

Como aconteceu no meu tempo de estudante, o aluno terminava o curso ginasial sabendo um pouco do muito, tudo misturado e confuso, transformando a cabeça da gente numa espécie de Torre de Babel.

Que me desculpem os entendidos no assunto por esta minha intromissão num mundo muito pouco conhecido para mim, do qual fui uma vítima. Mas, eu tinha que atender à indagação da minha leitora, prestando este depoimento.

OUTROS NOMES POUCO COMUNS

Quando, em 1974, publiquei o livro *Nomes Próprios Pouco Comuns*, passei a receber uma considerável quantidade de recortes de revistas e jornais, xerocópias de cheques, de documentos de identidade e CPFs enviados por leitores de algumas cidades brasileiras. Foi um deus-nos-acuda. Recebi, também, cartas, telefonemas de pessoas desejando adquirir o livro, principalmente depois que o assunto foi motivo de um dos quadros do programa *Fantástico* transmitido pela Rede Globo de Televisão. Só que o livro havia esgotado as duas primeiras edições a cargo de uma editora carioca. Somente alguns anos depois é que foi publicada uma terceira edição aumentada, aqui, mesmo, no Recife, e por falta de uma distribuição nacional não conseguiu chegar às livrarias do país.

Dentre os amigos e leitores que acharam o livro interessante e gostaram dele me enviaram novos nomes encontrados, quase na sua totalidade, em jornais brasileiros, lembro os mais assíduos colaboradores como Norlândio Meirelles (São Paulo), José Constantino Ferreira Maia (Belém, Pará), Clóvis Cavalcanti (Recife),

Leontino Filho (Pau dos Ferros, RN), J. R. Guedes de Oliveira (Indaiatuba, SP), Anatailde Crespo, Rosa Martins, Graziela Peregrino, Hildeberto Buarque de Macedo, Vanilda Pordeus, Ronaldo de Barros Mesquita, e outras pessoas não somente do Recife como também de outras cidades brasileiras.

Mas até então acreditava que os nomes próprios poucos comuns só existissem no Brasil, por força da criatividade tão própria do nosso povo. Ledo engano. Em Portugal a presença dos nomes (quando penso em nomes próprios pouco comuns refiro-me ao nome completo das pessoas, isto é, prenomes e o nome da família) próprios pouco comuns também é real, existe lá como aqui. E tanto é assim que o jornalista Duda Guenes, atualmente em Portugal, publicou no *Jornal do Commercio*, do Recife, edição de 29/11/94, uma das suas interessantes crônicas portuguesas sob o título Crônica de cume saem: os cacófatos, na qual registra alguns nomes exóticos, explicando: “Não é apenas no Brasil que há pessoas com nomes pouco comuns. Em Portugal também.. Só que aqui o exótico dá-se mais nos sobrenomes (apelidos, como dizemos cá), já que os nomes, propriamente ditos, têm que estar na lista dos permitidos. Aqui não se pode inventar. Darei alguns exemplos para aumentar o manancial inesgotável do Mário Souto Maior, que é catedrático nessa matéria: Benvinda da Purificação Carrega Tudo Bom Duarte; José Barata do Alto; F. A. Mão de Ferro Cara de Anjo; R. Carrapiço Cara de Anjo; Xarope Pau Mole; Água Doce Engrossa; Forte Homem; Alho Borda d’Água; Maria Rijo Rosado Bago d’Uva.

Por sua vez, o escritor português José Saramago no seu romance *Levantado do chão* (Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989) dedica seu livro a, entre outras pessoas, João Basuga, Herculano Antônio Redondo, Antônio Joaquim Cabecinha, Joaquim Augusto Badalinho, Silvestre Antônio Catarro, José Francisco Curraleira, Antônio Vinagre, Bernardino Barbas Pires.

Vejamos, em seguida, alguns dos nomes que me foram enviados por meus amigos e leitores, aos quais agradeço a valiosa colaboração:

A

ABELÁRBIO ALVES CABRAL, de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1994).

ADÃO PRETO, deputado federal (*Isto é*, São Paulo, 26/10/1994).

AGNUS DEI DELGADO, aprovado no vestibular da Universidade Federal de Ouro Preto, MG., 1989.

ALRIRWERTOM WESCRELTENIZ PHISSIHOUA, do Recife (*O Cinzel*, Recife, jan., 1977).

AMOR LAURETTI COSTA, esposa do comediante Costinha (*Diário de Pernambuco*, Recife, 11/8/1994).

ANCO MÁRCIO, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

ANIFELICE DA SILVA, de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 26/6/1992)

ANTÔNIO BONITO (Programa Eleitoral do PT, 23/9/1993).

ANTÔNIO CAMBRAIA, prefeito de Fortaleza, CE.

ANTÔNIO PADRE, vereador de Itapetim, PE (*Jornal do Commercio*, Recife, 9/9/1993).

ANTÔNIO PICA TERRENO, presidente da Câmara Municipal de Barrancos, Portugal (Projeto CUMPLICIDADES - Mostra de Artes do Nordeste do Brasil em Portugal, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1994).

ANTÔNIO VARANDAS, de Maxaranguape, RN.

ARÁGUA SANTOS SILVA, Misse Senhor do Bonfim, Bahia (*A Tarde*, Salvador, 6/12/1994).

ARAGUÁZIA BERNEDÍCIO, funcionária da Prefeitura Municipal do Recife (*Jornal do Commercio*, Recife, 4/9/1993).

ARITÁ AMARAL (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, dez., 1994).

ARNALDO BISPO DE JESUS FILHO, Processo Seletivo da Petrobrás (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1994).

ARX TOURINHO (*A Tarde*, Salvador, 19/6/1995).

ASCLEPÍADES GARCIA PINHEIRO (*A Tarde*, Salvador, 21/12/1993).

ASFILÓFIO DE OLIVEIRA FILHO, diretor de Programas Especiais do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (*Diário Oficial da União*, Brasília, 10/5/1995).

ATHENODÓRIO ALVES CAMPOS (*A Tarde*, Salvador, 3/2/1995).

AUGÊNCIO SOARES (*A Tarde*, Salvador, 28/6/1992).

B

BENOBY HOLANDA CAVALCANTI, de Mirueira, Paulista, PE.

BESTILDE MOTA MEDEIROS, de Caicó, RN.

BEYDE HOLANDA CAVALCANTI, de Mirueira, Paulista, PE.

C

CARLOS PÃES LANDIM (*Correio Brasiliense*, Brasília, 17/10/1994).

CATUPYAN HOLANDA CAVALCANTI, de Mirueira, Paulista, PE.

CRISTINA MINISTÉRIO, da Coordenadoria de Publicações da AMAE (*Educando*, Belo Horizonte, agosto, 1994).

CRISTOVÃO BRILHO (*Globo Repórter*, TV Globo, 5/11/1993).

D

DARQUIBALDO GUILHERME (*Diario de Pernambuco*, Recife, 2/11/1993, p. 11).

DALMONTINO SÃO CRISTÓVÃO DE CASTRO (*A Tarde*, Salvador, 26/6/1992).

DEOSCOREDES MAXIMIANO DOS SANTOS - MESTRE DIDI (*A Tarde*, Salvador, 22/6/1995).

DEUS DANTE, diretor administrativo do Banco Interior (*Veja*, São Paulo, 25/8/1993).

DURVATÉRIO ANTÔNIO CAMPOS (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1995).

E

EDI MADALENA FRACASSO, NITEC, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

EDSOLEDA SANTOS (*A Tarde*, Salvador, 2/9/1995).

ELQUISSON DE ALMEIDA MACHADO (*A Tarde*, Salvador, 9/7/1995).

ÊNIO FORMIGÃO, candidato a vereador por Olinda, Pernambuco.

ERISÔNIA BISPO DE OLIVEIRA (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26/9/1992).

EVANGIVALDO FIGUEIREDO, advogado (*A Tarde*, Salvador, 23/6/1992).

F

FÁTIMA BARROCA, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

FILOGÔNIO FARIAS, vice-prefeito de Esplanada, Bahia (*A Tarde*, Salvador, 19/6/1992).

FILONILA REGUEIRA, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

FLÁVIO FAVA DE MORAES, Reitor da Universidade de São Paulo, SP.

FLOR DO SOCORRO MOURA, funcionária da Sococo S.A. , Belém, PA.

FRANKLINBERG RIBEIRO DE FREITAS, de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 17/3/1995).

G

GERALDO DO SOL (*A Academia tem novo presidente, A Tarde*, Salvador, 13/6/1995).

GILENILDO COBRA (*A Tarde*, Salvador, 10/1/1995).

GLÉCIA GENYANY DE SOUZA, de Pau dos Ferros, RN.

H

HELIOGÁBALO PINTO COELHO (*A Tarde*, Salvador, 18/9/1993).

HIDEMBURGO BILRO DA COSTA, de Ceará-Mirim, RN.

I

ÍNGLEDESD ALÉM MEK MAIA DUARTE (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5/6/1994).

IZUPERIU JOAQUIM PEREIRA, de Indaiatuba, SP.

J

JANOVY HOLANDA CAVALCANTI, de Mirueira, Paulista, PE.

JARDIVALDO BATISTA, Secretário de Saúde da Bahia (*A Tarde*, Salvador, 9/12/1994).

JEISYSLAINY DE PAULA OLIVEIRA (*A Tarde*, Salvador, 25/10/1994).

JERSULETA DE AGUIAR RORIZ (*Correio Braziliense*, Brasília, 8/2/1995).

JESUS DE NAZARENO FEIO, funcionário da Sococo S. A., Belém, PA.

JOÃO DE DEUS PAIXÃO, funcionário da Sococo S. A., Belém, PA.

JOAQUIM MANHOSO NETO, de Caicó, RN.

JONEX TUPIRANAN ALMEIDA, Processo Seletivo da Petrobrás (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1994).

JORGE LHE MULHER, diretor da Federação e do Centro de Indústrias do Estado de São Paulo (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 9/1/1995).

JORGE ONÇA (*A TARDE*, Salvador, 15/5/1995).

JOSÉ ANTÔNIO BUSCATEL CANHÃO (*Isto é*, São Paulo, nº 1365, 29/11/1995, p.70)

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA, Embaixador do Brasil em Portugal.

JOSÉ CARLOS BRABO, funcionário da Sococo, Belém, PA.

JOSÉ DA NOVA BAHIA (*A Tarde*, Salvador, 18/9/1994).

JOSÉ FERNANDES CAMISA NOVA (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 19/9/1993).

JOSÉ MENINO DE MIRANDA (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 1/1/1995).

JOSÉ RICARDO PINTO AMÉM, Processo Seletivo da Petrobrás (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1994).

JOSÉ S. XAXÁ, de Mossoró, RN.

JOSEPH MERDA, o pai americano de Fred - José Augusto Berbert (*A Tarde*, Salvador, 28/3/1995).

JUANEYSSON JOSÉ DE LIMA E SILVA (*A Tarde*, Salvador, 16/10/1994).

JURCY QUERIDO VIEIRA (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 8/3/1995, cad. 1, p. 3).

L

LÍRIO MÁRIO DA COSTA, nome do comediante Costinha (*Diário de Pernambuco*, Recife, 11/8/1994).

LUIZ CARLOS FORTES BUSTAMANTE DÁ, diretor do 6º Depósito de Suprimento de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 31/8/1993).

LUIZ PAIZINHO DANTAS, de Currais Novos, RN.

LYNDON JOHNSON DE SOUSA, relação dos aprovados no concurso da Polícia Militar do Distrito Federal (*Correio Braziliense*, Brasília, 20/10/1994).

M

MANUEL CARIDADE (*Correio Braziliense*, Brasília, 17/10/1994).

MARCO CANECA, professor da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MARCOS DÁ RÉ, biólogo, do Comitê Permanente para a Recuperação da Ararinha Azul (*A Tarde*, Salvador, 15/10/1993).

MARCOS DOS MARES GUIA, presidente do CNPq.

MARIA CLÉCIA PESSOA BOBO, de Canguaratema, RN.

MARIA DAS GRAÇAS GATINHO, funcionária da Sococo S. A., Belém, PA.

MARIA DIVINA VITÓRIA, Juíza da 12ª Vara da Justiça Federal, Brasília (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 11/11/1994, p.7).

MARIA DO CÉU FERREIRA, funcionária da Sococo S. A., Belém, PA.

MARIA EUGÊNIA LONGO CABELO CAMPOS (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 26/2/1995, p. 17).

MARIA SANTÍSSIMA MORAIS SERAFIM, de Pau dos Ferros, RN.

MARIOLINO MORENO VIVAS, de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 25/8/1992).

MIGUEL ARCANJO DOS ANJOS, de Pau dos Ferros, RN.

N

NEVOEIRO JR., prefeito de Rio Claro, Bahia (*A Tarde*, Salvador, 17/7/1994).

NOSTRADAMUS BRASILEIRO DO ACRE ("Fique por dentro do mundo"- Cláudia Ferreira (*O Mundo Português*, Rio de Janeiro, 22/9/1994).

O

OBADIAS DE DEUS (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 1/1/1995, p.1-3).

OCEANA MARGARIDA DE OLIVEIRA (*A Tarde*, Salvador, 29/10/1993).

OTÁVIO BUNDASSECA (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5/6/1994).

OFBALWER LOURENÇO DA SILVA, de Indaiatuba, SP.

OGVALDA DEVAY DE SOUZA TORRES (*A Tarde*, Salvador, 4/8/1995).

P

PARSIFAL MARTINS GUABIRABA, de Fortaleza, Carteira de Identidade nº 675.896, SSP/CE, 22/8/1974.

PÁSCOA GLUVÊNIA DE SOUZA, de Pau dos Ferros, RN.

PAUDERNEY AVELINO, deputado federal (*Diário de Pernambuco*, Recife, 5/9/1992).

PAULO SÃO PEDRO DE JESUS (*A Tarde*, Salvador, 8/4/1994).

PEDRO ÁLVARES CABRAL GUERREIRO (*A Tarde*, Salvador, 3/5/1994).

PINGA-FOGO DE OLIVEIRA, deputado federal, PR.

PLAUTILA DE ARAGÃO FERREIRA (*A Tarde*, Salvador, 31/8/1993).

PLOTINO LADEIRA DA MATA, diretor do Hospital Geral de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 31/8/1993).

PRIMITIVA GOMES DO SACRAMENTO, de Salvador (*A Tarde*, Salvador, 8/9/1992).

PRINCESA MAGALHÃES, de Pirangi do Norte , RN.

R

RAMAYANA TAPIOCA POMBO, prefeito de Mata de São João, BA. (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/1994, p. 3-2).

RENATO FELICÍSSIMO (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5/6/1994).

REUDENITA DE ARAÚJO BARBOSA LIMA (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28/6/1992).

REUTUYTAAARAÚJO LACERDA (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28/7/1992).

REUVANITA SOARES DE ARAÚJO PEREIRA (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28/6/1992).

REUZELITA DE ARAÚJO GUIMARÃES (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28/7/1992).

REUZUYTA MARIA DE ARAÚJO (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28/7/1992).

RICARDO LEGÍTIMO BARBOSA, de Açu, RN.

RICARDO SEMENTE, de Indaiatuba, SP.

RÓSEO LEITE, diretor regional do SESC, Recife (?).

RUI FEIJÃO, de Pirangi do Norte, RN.

S

SALAMANDRA SAVANA SOUZA SILVESTRE, do Recife.

SÂMARA SALEMA, do Recife.

SELTZER RODRIGO SARRO, de Indaiatuba, SP.

SEPÚLVEDA PERTENCE, do Supremo Tribunal Federal, Brasília, DF.

SIGMARINGA SEIXAS, deputado do DF (*Jornal do Commercio*, Recife, 10/10/1993).

SILÊNCIO FERNANDES DA SILVA, falecido no dia 13 de agosto de 1993, em Pituba, Salvador (*A Tarde*, Salvador, 20/8/1993).

SÍLVIA CAVADINHA, diretora do Planejamento do SESC, Recife.

SIMPLÍCIO JORGE PULGAS (*A Tarde*, Salvador, 26/4/1994).

T

TEREZA GUIOMHES DE LA FRANCE PHISSIHOUA, do Recife (*O Cinzel*, Recife, janeiro, 1977).

TOM MIX ALVES DA COSTA (*Correio Braziliense*, Brasília, 7/1/1995).

V

VÁ BOA SORTE, prefeito de Guanambi, Bahia (*A Tarde*, Salvador, 22/4/1994).

VASSENCRIXTON MELO FERREIRA (*A Tarde*, Salvador, 16/2/1994).

VATOTIN ALMEIDA, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

VIRGINDALHA LOPES DA SILVA (*A Tarde*, Salvador, 11/7/1995).

VIRTUDES MOREIRA (*A Tarde*, Salvador, 17/3/1995).

VOLGA POLO NORTE TRUGUEIROS, bacharelando da Escola de Relações Públicas, Recife, convite de formatura, 2/12/1994.

VOLNEI GARRAFA, professor da Universidade Federal de Brasília (*Diário de Pernambuco*, Recife, 7/7/1993).

Y

YAIALA DOS SANTOS, de Olinda, PE.

YARITAN RIBEIRO, de Olinda, PE.

YEILA DOS SANTOS, de Olinda, PE.

YOISALVA DOS SANTOS, de Olinda, PE.

W

WALDIR DE JESUS BRABO, Processo Seletivo da Petrobrás (*A Tarde*, Salvador, 11/4/1994).

WALTÉCIO PIRANHA, Processo Seletivo da Petrobrás (*A Tarde* , Salvador , 11/4/1994).

WASHINGTON DOS SANTOS QUATORZE VOLTAS, de São Paulo (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 21/11/1995).

WHYGNA DIBNA GALDINO DA SILVA, de Pau dos Ferros, RN.

WHILDILLEIDE F. DA SILVA, de Indaiatuba, SP.

WHILDILKELLER F. DA SILVA, de Indaiatuba, SP.

WILLEIDE F. DA SILVA, de Indaiatuba, SP.

A GÍRIA DO RADIOAMADORISMO

O que é gíria? O assunto envolve vários conceitos e opiniões diversas. *Geringonza* na Espanha; *jargon* e *argot* na França; *gergo* na Itália; *slang* nos Estados Unidos, a gíria faz parte da mecânica da lingüística comum a todos os povos. É necessário, entretanto, não confundir gíria com o *lunfardo* que, na Argentina, é a linguagem dos ladrões, ou, também, com *calão* e *germânia*, também da Espanha, que é a linguagem própria dos marginalizados.

Vê-se, logo de início, que a gíria é um problema lingüístico merecedor de um estudo mais aprofundado e que exige reflexões pacientes e conclusivas, o que não é o caso desta pesquisa.

Consultando Aurélio Buarque de Holanda Ferreira¹ deparamos com seu conceito/definição de gíria: "Linguagem de malfeitores, malandros, etc., com a qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas; *calão*, *geringonça*. Linguagem peculiar àqueles que exercem a mesma profissão ou arte; jargão: a gíria dos artistas. Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais."

Entendo que, na opinião de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira¹, a gíria é a linguagem de um determinado grupo social, linguagem que, no todo ou em parte, com o passar dos anos, pode ser até incorporada à linguagem de uma região ou até mesmo à língua falada e escrita de um povo. O cuidado para não confundir gíria com o *lunfardo* argentino (linguagem de ladrões) e a *germânica* dos espanhóis (linguagem própria dos marginalizados), perde o conceito esposado por Alexandre Passos².

Assim acontecendo e definindo a gíria como a linguagem própria de um determinado grupo social, concluímos que os estudantes têm sua gíria (*matar aula*, *colar*, *levar bomba*), os delinquentes (*bagulho* - pequenos pertences; *bacano* - indivíduo bem vestido, rico), os ladrões (*arame* - dinheiro; *afanar* - roubar) os policiais (*botar em cana* - prender; *mandar ver o sol nascer quadrado* - prender um criminoso numa penitenciária), os bancários (*cheque-borrachudo* que vai ao banco e volta pela ausência de fundos), os médicos, os garçons, os militares, os comerciantes, todos os grupos sócioeconômicos têm sua linguagem própria, sua gíria.

Os radioamadores não poderiam ser a exceção da regra, por constituírem um grupo de pessoas que se interessam pelas comunicações experimentais da radiotelefonia e da radiotelegrafia.

Como reservas das forças armadas, os radioamadores quando não estão *batendo papo* sobre os mais diferentes assuntos ou fazendo experiências, são muitas vezes soldados do ar e da solidariedade durante as calamidades públicas, no tempo das eleições, obtendo notícias de pessoas doentes, resolvendo toda sorte de problemas que não digam respeito ao comércio, à política e à religião.

Os radioamadores não são apenas cidadãos que, fazendo experiências com antenas e equipamentos nas diversas bandas de transmissão, dão TVI, isto é, interferência, algumas vezes, em determinados canais da televisão,

interferência que quase sempre resulta da ausência de *filtros* que as fábricas estão retirando do circuito para tornar os aparelhos mais baratos ou para ganhar mais dinheiro no seu comércio.

Os radioamadores estão contidos em duas classes: os radioamadores das classes A, B e C, que operam em todas as bandas que lhes são permitidas e os radioamadores da Faixa do Cidadão que só têm permissão para operar na banda que lhes é destinada, a dos 10 metros.

Pertencendo a qualquer uma das classes, os radioamadores, com raras exceções, têm uma lema muito bonito, muito humano: “Quem não nasceu para servir, não serve para viver”.

Vejamos, em seguida, uma amostragem da gíria dos radioamadores brasileiros:

A

ÁGUA DA ELOQÜÊNCIA. Cachaça, *água-que-passarinho-não bebe*.

ANA MARIA. AM, Amplitude Modulada.

ANEL. É o primo do radioamador.

ANZOL. É a Polícia Rodoviária.

ASA DURA. É o avião.

ATRÁS DO TOCO. Diz-se do radioamador que, sem ninguém saber, fica somente escutando a conversa dos colegas, sem dela participar.

B

BAILARINA. É a caneta.

BAIXA FREQÜÊNCIA. Telefone, telefonema: “Vou fazer uma *baixa freqüência* para ele, agora”.

BALAIO. É bagunça, balaio de gatos, confusão na freqüência quando tem muitos radioamadores operando ao mesmo tempo.

BANHEIRA. É o mar.

BARRA MÓVEL. É o automóvel.

BARRA NAÚTICA. É o barco à vela ou motorizado.

BATENTE. Trabalho, ocupação, meio de vida: “Fulano *batenteia* na Prefeitura”.

BATON. É a namorada do radioamador ou de alguém.

BICORAR. Diz-se quando um radioamador deseja participar de uma conversa já começada por outros. Ele põe o transmissor da mesma frequência e diz, por exemplo: - “Aqui, PX tal ou PY tal pedindo uma oportunidade”. E fica aguardando sua vez.

BIGODE. Diz-se quando a transmissão de um radioamador espalha de um lado e de outro da frequência usada.

BOBO. É o relógio, que trabalha de graça: - “Quantas horas tem no seu *bobo*?”

BOTAR O ESQUELETO NA HORIZONTAL. Ir dormir.

BOTINA. É o amplificador linear que aumenta a potência de um transmissor.

BOTINA BRANCA. É o médico: “Fulano é *botina branca*”.

BOTINA PRETA. Diz-se quando o radioamador é militar.

C

CAIXA PRETA. Transmissor, equipamento usado pelo radioamador.

CÂMBIO. É a vez do radioamador falar para, em seguida, passar a palavra para seu parceiro.

CÂMBIO-ESPADA. Diz-se quando o radioamador faz um câmbio muito longo, fala demasiadamente.

CANALETA. É o canal que o radioamador da Faixa do Cidadão está usando: “Vamos passar para a *canaleta* 35, que esta frequência está muito ocupada, tem muita gente.”

CAPACETE. Denominação dada ao sogro do radioamador.

CARVÃO. É o esposo da radioamadora.

CASA DO BEIJO. Motel.

CHÁ DE PERIQUITO. É o chimarrão.

CHÁ DE URUBU. É o café: “Agora mesmo estou tomando um *chá de urubu*.”

CHAMADO GERAL. Diz-se quando o radioamador chama, para contato bilateral, qualquer uma outra estação, sem especificar a cidade, o Estado ou o país.

CHUCRUTAR. Aumentar o número de canais nos transmissores da Faixa do Cidadão.

CHUTE NAS CANELAS. Uma saudação cordial, um abraço.

CHUVA ARTIFICIAL. Banho de chuveiro.

COMER BARBANTE. Ficar, o radioamador, esperando muito tempo pelo parceiro com quem marcou uma comunicação.

COMUNICADO. Uma comunicação: “Vamos marcar um *comunicado* para amanhã, às mesmas horas, nesta mesma frequência.”

CONTESTE. Concurso entre radioamadores, saindo vencedor aquele que fizer o maior número de contatos em determinado espaço de tempo.

COPIAR. Escutar bem: “Estou lhe *copiando* muito bem”.

CORUJA. Diz-se de quem, não sendo radioamador, gosta de escutar as conversas. Ou de radioamador que fica escutando as conversas de seus companheiros.

CRISTAL. É a esposa do radioamador.

CRISTALINA. É a filha do radioamador.

CRISTALOGRAFIA. Diz-se dos filhos e filhas do radioamador.

CIRSTALÓIDE. É o filho do radioamador.

D

DE BIGODE A BIGODE. Uma conversa pessoal.

DOIS METROS HORIZONTAIS. A cama.

E

ESPARADRAPO. 1. Irmão do radioamador; 2. Diz-se, também, de quem não sendo radioamador, gosta de ficar junto do operador ouvindo as conversas e, vez por outra, usar o microfone para cumprimentar a pessoa com quem o radioamador está falando.

F

FAZER DX. Comunicação feita com radioamadores de outras cidades ou países distantes.

FAZER RÁDIO. Diz-se quando o radioamador está operando, *fazendo* radio.

FAZER UMA LINHA DE 500 (OHMS). Fazer um telefonema.

FEITICEIRO. Técnico em eletrônica que repara os transmissores quando apresentam defeitos.

G

GAFANHOTO DE ALUMÍNIO. Avião.

L

LAMBARI. Diz-se do transmissor pequeno, de pouca potência.

M

MACACO PRETO. Telefone.

MACANUDO. Diz-se do radioamador amigo, *bacana*.

MICROINFAME. Microfone, principalmente quando é de má qualidade.

MODULAR OS GORDURAMES. Fazer uma refeição.

MODULAR OS TALHARES. O mesmo que MODULAR OS GORDURAMES.

MUNHECA DE PAU. Diz-se do radioamador novato, sem experiência ainda.

N

NO FUNDO DO POÇO. Diz-se quando o sinal da estação que o radioamador está escutando é muito fraco, muito baixo.

P

PAPAI NOEL. Denominação dada ao DENTEL, do Ministério das Comunicações, encarregado de fiscalizar os equipamentos, os comunicados dos radiomadores.

PÁRA-RAIO. A sogra dos radioamadores.

PÉ DE BORRACHA. Denominação dada aos automóveis.

PÉ DE FERRO. É o trem.

PÉ DE SOLA. Diz-se de quem anda a pé: “Vou para o trabalho, que fica bem perto de casa, no *pé-de-sola*.”

PICA-PAU. Aparelho Morse, quando o radioamador está transmitindo em telegrafia.

PITIMBADO. Diz-se do transmissor quando está quebrado ou quando alguém está doente.

PRIMEIRISSIMO. Trata-se do primeiro contato bilateral entre radioamadores.

R

RODADA. É o comunicado que conta com a participação de vários radioamadores da mesma cidade ou de cidades e países diferentes.

T

TAPETE MÁGICO. É o papel.

TAPETE PRETO. Denominação dada ao asfalto.

TEREZINHA VASCONCELOS. É a televisão: “Agora vou sair do ar para assistir um filme na *Terezinha Vasconcelos*.”

TKS. Abreviatura de Thanks.

TRAPIZUNGA. É o equipamento usado pelos radioamadores nas suas transmissões experimentais.

TUBARÃO. Transmissor muito potente. Diz-se quando a propagação está muito boa e o sinal está muito forte: “Estou lhe escutando muito bem, *tubarão*!”

TURMALINA. Namorada do radioamador.

VERTICAL. Conversa pessoal.

RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
2. PASSOS, Alexandre. *A gíria baiana*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1937.

Impresso na Recife Gráfica Editora S/A
em dezembro de 1995.

300 anos do nascimento de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão;
170 anos do falecimento de frei Caneca
(Joaquim do Amor Divino Caneca)
e da fundação do Diário de Pernambuco;
sesquicentenário do nascimento do
Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos)
e de Eça de Queirós; 100 anos do cinema;
centenário do nascimento do poeta Ascenso Ferreira
e da morte do jornalista José Maria de Albuquerque Melo;
95 anos do nascimento de Gilberto Freyre;
85 anos do falecimento de Joaquim Nabuco;
cinquentenário do falecimento do acadêmico Demócrito de
Souza Filho e do escritor Mário de Andrade